

MANIFESTA O PCB SOLIDARIEDADE AO PCUS NA LUTA CONTRA O GRUPO ANTIPARTIDÁRIO

O CAMINHO PARA UMA NOVA POLÍTICA

O MANIFESTO nacionalista assinado por cerca de cem deputados dos partidos governamentais é um documento significativo. Nêle, os representantes de importantes forças partidárias apresentam claramente ao governo a exigência de uma nova política para o Brasil, de medidas patrióticas e democráticas capazes de atender, embora parcialmente, às aspirações de paz, liberdade e progresso do povo brasileiro.

PROPUGNAM os signatários do manifesto, entre outros pontos, a nacionalização e monopólio estatal das fontes de energia, dos minerais estratégicos, das matérias-primas e meios de produção considerados indispensáveis à defesa nacional; o monopólio estatal de todas as operações concernentes ao petróleo; o fortalecimento da política de expansão das indústrias de base, especialmente da siderurgia, química e mecânica pesada; a transformação da estrutura agrária para melhor utilização da gleba e acesso do homem rural à sua exploração econômica; o alargamento de nosso mercado exterior através do estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais que representem mercados ponderáveis para nossos produtos ou que possam fornecer materiais indispensáveis ao desenvolvimento econômico e social do país; uma política exterior de defesa da paz mundial e pela maior compreensão entre os povos. Para a realização dessas medidas preconizam os deputados nacionalistas a "formação de uma frente nacional para a defesa do desenvolvimento brasileiro, com a participação de todas as forças vivas da nação, desde as elites dirigentes até as camadas populares, sem restrições de partidos, raça, credos e classes". E no texto do manifesto declaram que a execução do programa nacionalista exige a "defesa da constituição e da legalidade", isto é, a vigência do regime democrático.

ESTAMOS longe de afirmar que o manifesto expresse a posição de todas as correntes que impulsionam o movimento nacionalista. Nem isto seria possível, provindo o documento apenas das forças nacionalistas que atuam nos partidos governamentais. Os comunistas discordam, por princípio, de algumas teses contidas no documento dos deputados governistas. Mas isto não os impede de destacar no manifesto nacionalista aquilo que constitui o seu conteúdo positivo e representa uma contribuição valiosa para a luta que travam todos os patriotas contra o inimigo principal de nosso povo — o imperialismo norte-americano e seus agentes. Aliás, para compreender este aspecto positivo basta atentar no furor reacionário com que o documento foi atacado pelos entreguistas mais notórios, especialmente pelo traidor Carlos Lacerda, que arriou a máscara de nacionalista com que se disfarçara nos últimos tempos para fazer as mais sórdidas provocações contra a frente nacionalista, no estilo policialesco de Pena Bôlo.

O QUE dá uma significação particular ao manifesto é precisamente o fato de originarse das bancadas governistas do parlamento. Não se pode fugir à conclusão de que ele representa uma verdadeira plataforma administrativa, apresentada pelo setor nacionalista dos partidos situacionistas ao presidente Kubitschek, como uma solução de caráter patriótico e popular para as contradições em que se debate o governo. As forças nacionalistas intervieram no momento oportuno, quando o governo enfrenta dificuldades cada vez maiores para realizar a política entreguista iniciada com a cessão de Fernando de Noronha, mas, por outro lado, sofre uma pressão crescente do imperialismo americano e dos traidores que o servem, enquistados no governo, nos partidos e na imprensa.

O APOIO que o manifesto nacionalista recebeu de ponderáveis forças da maioria e mesmo de deputados da UDN, a simpatia com que foi acolhido pela opinião pública, revelam a existência de possibilidades reais para modificações na política do país num sentido democrático e patriótico.

SERIA uma ilusão pensar que tal mudança de orientação pode ser conseguida sem luta. A ela se oporão as forças políticas retrógradas, ligadas ao imperialismo americano, que dominam tradicionalmente o aparelho de Estado em nosso país. Qualquer orientação patriótica e progressista da política interna e externa só poderá vencer com o alijamento dos entreguistas e reacionários dos postos que ocupam no governo.

O CAMINHO para a vitória de uma política nacionalista e democrática é, portanto, a ação comum das forças patrióticas de dentro e de fora do governo, pertencentes a todos os partidos. Esta ação terá tanto maiores perspectivas de êxito quanto mais se apoiar num poderoso movimento de massas, na atuação de organizações de frente única que façam do movimento nacionalista uma torrente invencível.

Telegrama do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, por seu secretário geral, Luiz Carlos Prestes, dirigiu ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética o seguinte telegrama:

«Ao CC do PCUS.
Apoiamos e saudamos com entusiasmo a firme posição do CC do PCUS na luta contra o grupo antipartidário que se opunha à aplicação das decisões de vosso XX Congresso e que tentava minar as fileiras de vosso Partido. Manifestamos nossa inteira solidariedade com vosso Partido e sua direção, certos de traduzir os sentimentos da classe operária e do povo brasileiro que aspiram à paz e lutam contra a política agressiva dos círculos belicistas dos Estados Unidos e de seus agentes no Brasil. As medidas por vós tomadas contra o grupo fracionista muito contribuirão

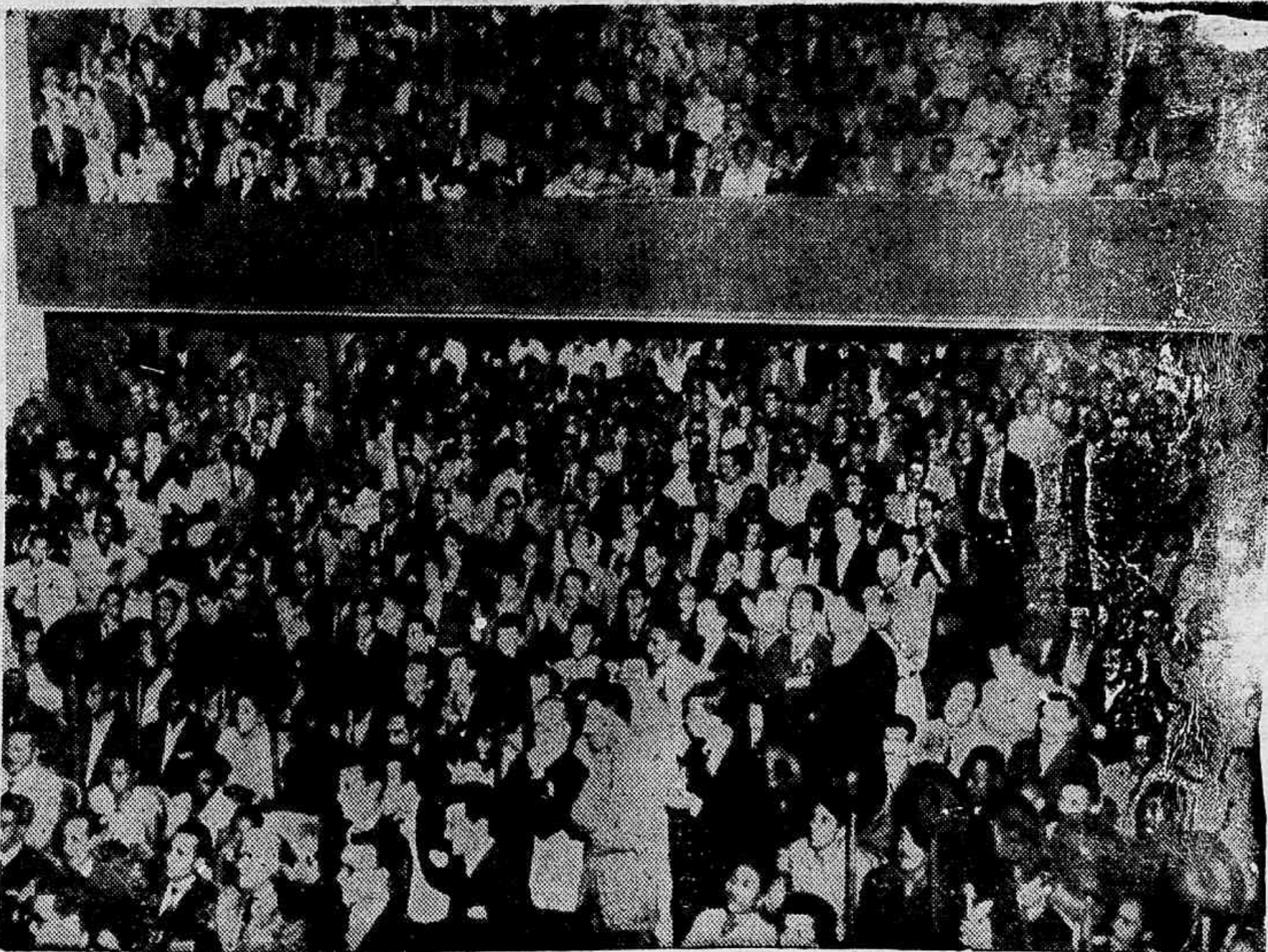
para diminuir a tensão internacional e reforçar no mundo inteiro a luta pela paz e pela coexistência pacífica entre países de regimes diferentes. Vossa firme posição na defesa da unidade do Partido muito nos estimula no combate em que nos empenhamos em defesa dos interesses da classe operária e do povo brasileiro, em defesa da unidade de nosso Partido e, ao mesmo tempo que nos ajuda a prosseguir na luta contra o sectarismo e o dogmatismo em nossas fileiras, reforça nossa luta em defesa do marxismo-leninismo contra os ataques de revisionistas e de todos aqueles que procuram dar uma interpretação oportunista às históricas decisões do XX Congresso do PCUS.

Pelo CC do PCB

a) Luiz Carlos Prestes »

VOZ OPERÁRIA

Nº 424 ★ RIO DE JANEIRO, ★ 20 DE JULHO DE 1957



Entrarão em Greve Os Metalúrgicos

Em assembléia monstruosa, à qual compareceram mais de mil trabalhadores, os metalúrgicos cariocas decidiram deflagar a greve a zero hora do dia 22 próximo (Texto na 9.ª página).

Contradições Dilaceraram o Império Britânico

Estiveram reunidos em Londres durante 10 dias, de 26 de junho a 5 de julho, os primeiros ministros da Inglaterra, da Austrália, do Canadá, da Nova Zelândia, da União Sul Africana, do Paquistão, da Índia, e de Ghana, e o ministro da Justiça do Ceilão, representando o sr. Bandaranaike, primeiro ministro deste último país. A presença de Nehru, do sr. de Silva, que havia presidido a sessão inaugural da reunião de Colombo do Conselho Mundial da Paz, e do primeiro ministro negro do jovem estado de Ghana, ao lado de Mac Millan e dos chefes dos governos reacionários do Paquistão, da União Sul Africana, e de outros países membros da «Commonwealth», mostra o caráter heterogêneo e contraditório da reunião. Como consequência, os resultados foram praticamente nu-

los, e isso não pôde ser escondido no comunicado conjunto dado à publicidade.

O fato mais significativo da Conferência foi a não participação da Índia e do Ceilão em uma reunião especial a portas fechadas, dedicada às questões da «defesa», na qual o ministro da guerra britânico expôs os princípios da atual política militar da Grã Bretanha. O primeiro ministro de Ghana, que compareceu a essa reunião como simples «observador», declarou depois à imprensa que o fizera por que não tinha nenhuma idéia do que se ia tratar, no momento em que fora convidado. A imprensa Índia, em sua grande maioria, saudou a abstenção da Índia e do Ceilão dessas conversações de caráter militar.

Outro incidente ocorrido du-

CONFLITOS INSANÁVEIS NA CONFERÊNCIA DO «COMMONWEALTH»

rante a reunião foi o formal e enérgico desmentido da delegação do Ceilão às informações de um jornal londrino segundo as quais este país teria apoiado as declarações do primeiro ministro do Paquistão, favoráveis ao Pacto de Bagdad e à doutrina Eisenhower. O governo do Ceilão é contrário tanto a esse pacto militar como à doutrina do «vacuo de potência» no Oriente Médio.

Como se sabe, a «Commonwealth» — antigamente «Comunidade Britânica», hoje simplesmente «Comunidade de Nações», compreende nove nações politicamente independentes, e mais 46 colônias e protetorados britânicos, espalhados nos cinco continentes. Contrariamente à atitude adotada pelo Egito, República do Sudão, Birmânia e Jordânia, que, ao conquistarem sua independência política, se desligaram completamente da «Commonwealth», a Índia, o Ceilão, o Paquistão e Ghana ainda conservam certos laços com o antigo Império Britânico, e se mantêm formalmente como membros da «Commonwealth». A Índia e o Paquistão, embora Repúblicas, reconhecem a rainha da Inglaterra como «cabeça» da Comunidade, e o Ceilão e Ghana ainda têm, como o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia e a União Sul Africana, governadores nomeados pela rainha da Inglaterra, embora o governo seja de fato exercido pelos primeiros ministros. No Canadá, Austrália e Nova Zelândia a população é quase toda de origem européia, com predominância britânica, e na União Sul Africana uma minoria de origem européia, principalmente anglo-holandesa, domina a população negra. Tal não se dá, no entanto, na Índia, no Paquistão, no Ceilão e em Ghana; a permanência formal destes países na «Commonwealth» exprime de certo modo a forte penetração eco-

nômica do imperialismo britânico, ainda nêles existente, aliás em graus diversos.

Não são essas no entanto as únicas diferenças entre as nações membros da «Commonwealth». Ao passo que a Índia e o Ceilão adotam uma política externa de paz e de boas relações com os países socialistas, o Paquistão participa do bloco militar do pacto de Bagdad, da mesma forma que a Austrália e a Nova Zelândia participam de SEATO e o Canadá da OTAN. A União Sul Africana é governada por uma minoria reacionária e racista. O Reino Unido da Grã Bretanha e Irlanda do Norte, sede do imperialismo inglês, com 51 milhões de habitantes, possui ainda colônias e protetorados com uma população total de 92 milhões. Si somarmos todos os países membros

da «Commonwealth» e mais essas colônias e protetorados, obteremos 654 milhões de habitantes, dos quais 385 milhões correspondem à Índia e ao Ceilão (60% do total) 80 milhões ao Paquistão, e 4,6 milhões a Ghana. Vemos que mais de metade da população da «Commonwealth» pertence à Índia e ao Ceilão, países que, pela política de seus governos, figuram no campo da paz. Esse quadro de conjunto fornece uma idéia clara da heterogeneidade e inconsistência da «Commonwealth».

A questão da presença da República Popular Chinesa na ONU, por exemplo, levantada pela Índia, apoiada por quase todas as delegações, não pôde figurar no comunicado final, em virtude da oposição do Paquistão, a pretexto de «não chocar a opinião norte-americana».

Em relação aos problemas do Oriente Médio, as divergên-

cias foram também inconciliáveis. O mesmo se passou com as discussões sobre o Sudoeste da Ásia.

O comunicado no entanto, ao tratar do desarmamento, reconhece que «mesmo um acordo limitado, reduzindo as suspeitas e tensões espalhadas no mundo, criaria condições para o desenvolvimento de um esquema de desarmamento mais compreensivo». Esse parágrafo foi principalmente o fruto da ação persistente das delegações da Índia e do Ceilão, que pediam fosse incluída a recomendação da cessação imediata das experiências com armas nucleares. O comunicado afirma também que «o primeiro objetivo de todos os governos da «Commonwealth» é a paz e a segurança internacional», e aborda com discreção os acontecimentos da Hungria, limitando-se a exprimir «a grave preocupação» causada pelos mesmos aos participantes da Conferência.

A Situação na Argentina

CONCORRERÁ ÀS ELEIÇÕES O PARTIDO COMUNISTA

Dois fatos ocorreram na Argentina, nos últimos dias, um negativo, e outro bastante positivo.

O fato positivo foi a decisão a Corte Suprema anulando o ato de um juiz, que havia cassado ao Partido Comunista argentino o direito de apresentar candidatos na Província de Buenos Aires. Com essa decisão fica assegurado ao Partido Comunista o direito de concorrer com candidatos próprios às próximas eleições, em todo o país.

O fato negativo é a intensificação da pressão imperialista para a entrega do petróleo argentino aos monopólios norte-americanos. Essa pressão refletiu-se nas declarações entreguistas feitas pelo presidente Aramburu durante uma audiência pública, no dia 13 do corrente, na Ca-

sa Rosada. Insinuando dificuldades financeiras intransponíveis, Aramburu declarou que «havendo petróleo debaixo da terra é um crime não retirá-lo». Completando o seu pensamento, o interventor federal general Manuel Calderon afirmou que o problema do petróleo tem de ser encarado «por intermédio de empresas privadas». Ao mesmo tempo se noticia a entrega da construção de um grande oleoduto a uma importante empresa norte-americana.

As agências de notícias revelam também que os setenta sindicatos unidos em torno da «Comissão Intersindical de Buenos Aires», apoiados por dezenas de outros sindicatos, decidiram realizar uma greve de protesto de 24 horas, contra a elevação do custo de vida.



Dificuldades Para o Desarmamento

O otimismo despertado nas últimas semanas por certos progressos aparentes nas negociações realizadas na Subcomissão de Desarmamento da ONU começa a ser substituído por sérias preocupações. Aproxima-se a data fixada para o término dos trabalhos, — 1 de agosto próximo —, e as dificuldades, em lugar de serem removidas, começam a acentuar-se. Ao que tudo indica, as forças da guerra, conscientes de que um primeiro acordo, por mais limitado que seja, poderá ser o início de importantes progressos no caminho do desarmamento e do alívio da tensão internacional, manobram desesperadamente para impedir esse primeiro passo e manter assim um ambiente favorável à guerra fria. Ao mesmo tempo, tentam enganar os povos com falsas notícias e interpretações deformadas, a fim de atribuir a culpa de um fracasso, que tanto desejam, à União Soviética.

Ainda há poucos dias Kruchiou, falando na Tchecoslováquia, alertou os povos sobre esses fatos, ao criticar com veemência as declarações de Eisenhower sobre bombas nucleares «limpas», e a composição defeituosa da Sub-comissão de Desarmamento da ONU, constituída por quatro potências da OTAN — Inglaterra, Estados Unidos, França e Canadá, ao lado da União Soviética inteiramente isolada, e sem a presença de nações neutras, como a Índia. Kruchiou denunciou que no momento os trabalhos da Sub-comissão se estão diluindo numa interminável troca de papéis, propostas e contra-propostas, sem que se chegue a nenhum resultado positivo.

A questão da suspensão imediata, em caráter provisório das experiências com armas nucleares («trégua nuclear») já parecia, por exemplo, na iminência de ser resolvida de modo satisfatório, principalmente depois que as quatro potências ocidentais viram aceito pela URSS o seu ponto de vista relativo à instalação de «postos de observação» internacionais, munidos de instrumentos capazes de detectar qualquer explosão experimental. Logo a seguir, no entanto, essas mesmas potências ocidentais começaram a condicionar o acordo a uma interminável série

de ajustes prévios de caráter técnico, sobre a localização e equipamento desses postos. Como a relativa simplicidade do problema não permitisse o prolongamento dessas manobras dilatorias, procuraram ligar a «trégua nuclear» a outras questões mais complexas, relativas ao desarmamento, cujos detalhes só podem necessariamente ser estabelecidos após estudos mais demorados.

São conhecidas as posições claras da União Soviética sobre o desarmamento, traduzidas em propostas concretas sobre as quais já mais de uma vez temos falado. As novas manobras dilatorias, apesar de desenvolvidas com habilidade, não poderiam ter maior êxito que as primeiras. Isso levou as potências ocidentais a se definirem por fim, fixando-se na proposta de uma «trégua nuclear» de 10 meses apenas, apresentada à União Soviética com caráter de verdadeiro «ultimatum». Ora, tanto os Estados Unidos como a Inglaterra acabam de realizar experiências com armas nucleares, e é sabido que não pretendem realizar novas explosões experimentais nos próximos meses. O simples preparo de novas experiências exigiria prazo exatamente da ordem dos 10 meses propostos. Trata-se portanto de verdadeiro ludíbrio, e não de uma proposta honesta, que não poderia ser inferior, como pede a URSS, a pelo menos dois anos.

O impasse na Sub-comissão do desarmamento da ONU impõe aos partidários da paz de todo o mundo a tarefa de honra e urgente de intensificar imediatamente a campanha pela cessação das experiências. Um dos caminhos para esse objetivo é o apoio massivo à III Conferência Mundial contra as Bombas A e H, a realizar-se em Tóquio de 6 a 16 de agosto. Além disso os partidários da paz devem estimular o maior número possível de manifestações dentro do espírito do Apelo de Colombo do Conselho Mundial da Paz e desenvolver ações comuns com todas as forças da paz. Um novo e amplo esforço dos povos ainda pode evitar que sejam encerrados sem resultados os trabalhos da Sub-comissão de desarmamento da ONU.



O bispo chinês Vasilii Yao Fu-an, em visita à União Soviética, foi recebido pela igreja ortodoxa russa e esteve em vários templos e mosteiros. Na foto vemos o arcebispo Viktor, de Krasnodar e Kuban, com o bispo de Pequim durante um serviço religioso na Catedral da Trindade

APÊLO AO POVO ARGELINO

GUERRA DE EXTERMÍNIO REALIZADA PELOS FRANCESES

Saad Dahlab, membro do Comitê Argelino de Coordenação e Execução, falando à imprensa do Cairo, no dia 4 de julho, fez veemente apelo de condenação da guerra de extermínio realizada pela França na Argélia, e pela ajuda à luta do povo argelino por sua independência.

O dirigente argelino, foi ao Egito para aí participar da reunião do Conselho Nacional Revolucionário da Argélia, que dirige a Frente de Libertação Nacional e todas as atividades políticas e militares da revolução argelina.

Saad Dahlab declarou que o novo governo francês ainda espera impôr uma solução militar, mas que o povo da Argélia não cessará de lutar enquanto não obtiver sua completa independência. Repeliu também a declaração de Eisenhower de que o problema da Argélia é um problema interno da França.

O dirigente argelino revelou ainda que o total de soldados franceses na Argélia já ascende a 700.000 e que os Estados Unidos estão ajudando à França através da OTAN, com o envio de helicópteros, caminhões e armamentos. Os Estados Unidos não estão ao lado da Argélia, disse Dahlab.

O Dr. El Amin Dabaghli, dirigente da Frente de Libertação Nacional da Argélia, também participou da entrevista coletiva de imprensa.

A TRAGÉDIA DE SACCO E VANZETTI
de Howard Fast

COL ROMANCES DO POVO

A Atitude Dogmática e Sectária em Relação Ao Marxismo-Leninismo é Estranha ao Nosso Partido

DEVIDO à sua grande importância e atualidade, publicamos a seguir o editorial de "Pravda" de 12 de julho de 1957, que comenta a essência dogmática e sectária da posição assumida pelo grupo antipartidário de Malenkov, Kaganovitch e Molotov.

Na resolução do pleno do Comitê Central do PCUS sobre o grupo antipartidário de Malenkov, Kaganovitch, Molotov e Chepilov, que a eles se juntou, foi indicado que os participantes desse grupo se aferraram aos velhos métodos e concepções, desligaram-se da vida do Partido e do país. Tanto nas questões da política interna como nas questões da política externa — diz a resolução do Pleno do Comitê Central do PCUS — eles são sectários e dogmáticos, interpretam o marxismo-leninismo de modo formal e rotineiro. Não podem compreender que o marxismo-leninismo vivo, o marxismo-leninismo em ação e a luta pelo comunismo, manifestam-se nas atuais condições na execução das decisões do XX Congresso do Partido, na aplicação consequente da política de coexistência pacífica, na luta pela amizade entre os povos, na política de máximo fortalecimento do campo socialista, no melhoramento da direção da indústria, na luta pelo desenvolvimento multilateral da agricultura, por abundância de produtos, por uma vasta construção de habitações, pela ampliação dos direitos das Repúblicas Federadas, pelo florescimento das culturas nacionais, pelo amplo desenvolvimento da iniciativa das massas populares.

A atitude dogmática e sectária em relação à teoria, ao marxismo-leninismo, é estranha ao nosso Partido. A teoria revolucionária não é uma coleção de dogmas de fé desligados da vida, estabelecidos de uma vez para sempre e aplicados cegamente, mas um guia para a ação prática, uma orientação viva, que se de-

envolve continuamente e se comprova com a experiência histórica. Uma das diferenças mais importantes entre a doutrina marxista-leninista e todas as outras doutrinas do passado e do presente consiste em que ela não se apóia em um grupo estreito de adeptos eleitos, mas nas amplas massas de trabalhadores, em sua luta e atividade, expressa seus interesses fundamentais, constitui seu patrimônio. Assim encaravam a teoria revolucionária os fundadores do comunismo científico, Marx e Engels, assim a encarava o grande Lênin.

Ao empreender a elaboração dos fundamentos ideológicos do partido marxista de novo tipo, do Partido Comunista, V. I. Lênin assinalou a imensa significação da teoria marxista para a classe operária e seu partido revolucionário. Respondendo aos dogmáticos daquela época e fundamentando a atitude criadora em relação ao marxismo, disse ele: «Nós não consideramos, de modo algum, a teoria de Marx como algo acabado e intocável; ao contrário, estamos convencidos de que ela apenas colocou a pedra angular da ciência que os socialistas devem impulsionar para diante em todas as direções, se não quiserem atrasar-se em relação à vida». V. I. Lênin apresentou aos comunistas russos a tarefa de elaborar independentemente a teoria marxista, porque, como disse ele, esta teoria fornece apenas as teses orientadoras gerais, que se aplicam de maneira diferente às condições de cada país tomado isoladamente.

V. I. Lênin e o Partido Comunista por ele fundado, cumprindo de modo fiel e consequente o legado de Marx e Engels, sempre desenvolveram e impulsionaram para a frente a ciência marxista de acordo com as modificações na situação, com as tarefas colocadas ante o Partido, levando em conta a experiência do movimento comunista internacio-

Editorial de «PRAVDA» de 12 de julho de 1957

nal. Em uma das mais bruscas reviravoltas da história mundial, no emaranhado de acontecimentos inesperados e complexos da luta de classes, ante a mudança rápida de diferentes situações, que exigiam do Partido uma análise profunda e exata dos acontecimentos, no período que antecedeu a Revolução de Outubro V. I. Lênin escreveu: «O marxista deve levar em consideração a vida tal como é, os fatos da realidade, e não continuar aferrando-se à teoria do dia anterior...» Ridicularizando as pessoas desligadas da vida, que se perdem na trama de abstrações caducas, criticando a rotina e o dogmatismo na teoria, Vladimir Ilitch gostava de citar a conhecida sentença do "Fausto" de Goethe: "A teoria é cinzenta, meu amigo, mas a árvore da vida é eternamente verde".

A teoria para os marxistas foi e é não um fim em si mesmo, mas um meio, uma das formas mais importantes da grande luta da classe operária. Lênin ensina que o marxismo consiste em saber determinar que política deve ser realizada nestas ou naquelas condições. Atribuindo enorme importância à teoria, os fundadores do marxismo-leninismo indicaram que o ponto-de-partida da teoria é a prática, o modo de vida e de atividade dos homens. O critério da prática, da vida, deve ser a pedra-de-toque primeira e fundamental da teoria. A teoria marxista-leninista é a generalização da experiência do movimento revolucionário internacional.

Na construção do socialismo, nosso Partido passou por caminhos desconhecidos, orientando-se pela ciência marxista-leninista. No curso da construção do socialismo, generalizando a experiência, o Partido completa e enriquece a teoria marxista-leninista, impulsiona-a para diante. O marxismo-leninismo se desenvolve continuamente na luta e na atividade do Partido Comunista da União Soviética e de todos os partidos comunistas irmãos.

Uma grande conquista do marxismo-leninismo consiste em que ele superou completamente a secular separação entre a teoria e a prática. O reconhecimento da unidade entre a teoria e a prática constitui uma das teses principais da ideologia socialista marxista-leninista. Se a separação entre a teoria e a prática é inadmissível no período da luta da classe operária pela revolução socialista, é perigosa em grau maior nas condições da construção direta da nova sociedade, quando o Partido Comunista se torna governante e desempenha o papel dirigente de toda a sociedade e da vida estatal do país, quando a sorte da construção do comunismo depende da atividade prática dos homens, de sua capacidade de organização. Se no estágio inicial de desenvolvimento do comunismo científico Marx falava sobre a grande importância de cada passo do movimento real, agora, quando em nosso país se realizam os grandiosos planos da construção comunista, a atividade prática do Partido e de todo o povo adquire uma significação excepcional.

O marxismo-leninismo é o fundamento de toda a atividade do Partido Comunista, de sua

política. A aplicação das resoluções do XX Congresso do PCUS é, nas condições atuais, o marxismo-leninismo vivo, o marxismo-leninismo em ação, concretizado pelo Partido em todo um sistema de medidas práticas, orientadas para o desenvolvimento das forças produtivas do país, para a elevação do bem-estar e do nível cultural dos trabalhadores, para o fortalecimento do campo socialista, para a garantia de uma paz duradoura, da amizade e da colaboração com os povos de todos os países.

O grupo antipartidário dos camaradas Malenkov, Kaganovitch e Molotov interveio contra a linha leninista do Partido, opôs resistência à orientação do Partido, aprovada no XX Congresso, para a correção dos erros e deficiências gerados pelo culto à personalidade, para a luta contra o revisionismo tanto no interior do país como na arena internacional.

Não há uma só questão importante da política interna ou externa do Partido Comunista da União Soviética, nem uma só tarefa séria que esteja sendo resolvida atualmente pelos esforços do Partido e do povo, que não encontre oposição da parte dos membros do grupo antipartidário, que não suscitasse ataques da parte deles.

O que é, então, que este grupo contrapõe à linha leninista do Partido? As velhas formas e métodos de trabalho, que levaram a erros e falhas, completamente superados e condenados pelo XX Congresso do PCUS porque não correspondiam aos interesses do movimento para o comunismo. Desligados da vida, não se esforçando para pensar, compreender e apreciar, do ponto-de-vista marxista-leninista, os novos fatos e fenômenos apresentados por nossa realidade socialista soviética, os membros do grupo antipartidário manifestaram-se rotineiros e conservadores em todas as questões. Mantendo-se em posições antipartidárias, eles não podiam compreender que o comunismo cresce do trabalho livre e consciente de milhões, que constroem a nova vida.

A derrota, pelo Comitê Central, do grupo antipartidário de Malenkov, Kaganovitch, Molotov e Chepilov, que a eles aderiu, a aprovação decidida e unânime da resolução do Pleno do CC por todo o Partido e por todo o povo significam uma nova vitória da linha geral leninista do Partido, a vitória do marxismo-leninismo criador sobre a rotina e o conservadorismo.

A teoria marxista-leninista ilumina o Partido e o povo no caminho para o grande objetivo. O Partido Comunista continuará aplicar a teoria marxista-leninista à causa da construção do comunismo de maneira não dogmática, mas criadora, desenvolve-la no processo da luta pelo comunismo, sobre a base da generalização da experiência e dos fatos da realidade viva, lançando fora tudo que é morto e abrindo caminho para o que é vivo e ativo. Dirigindo-se pela teoria marxista-leninista, o povo soviético construiu o socialismo e conseguirá a vitória completa do comunismo.

Novas Iniciativas No Movimento Nacionalista

O MOVIMENTO GANHA OS SUBÚRBIOS

Nos bairros da Capital da República, principalmente nos subúrbios, estão sendo lançados os alicerces do movimento nacionalista do Distrito Federal. Unindo políticos e comerciantes locais, estudantes, trabalhadores, desportistas, em torno dos objetivos e aspectos mais sentidos do patriótico movimento, vão surgindo e se organizando núcleos ou entidades de bairro da Frente Nacionalista.

Em Padre Miguel, importante subúrbio da Central, foi instalado em praça pública um núcleo nacionalista. Perante mais de mil assistentes na Praça do Trabalhador, foi inaugurada uma torre de doze metros, a mais alta até hoje instalada. Falaram na ocasião diversos oradores, entre os quais o vereador Waldemar Vianna e o farmacêutico local Sr. Antonio Onofre e foi eleita uma comissão provisória que dirigirá a campanha nacionalista naquele populoso subúrbio carioca.

EM SÃO PAULO

EM TODA A PARTE COMÍCIOS CONTRA A ENTREGA DE F. DE NORONHA E PROPAGANDA NACIONALISTA

No Estado de São Paulo, na capital e no interior, vêm sendo realizados comícios populares e palestras contra a entrega de Fernando de Noronha e de propaganda nacionalista. Em Vila Santa Isabel, na Mooca, em Vila Matilde, no Parque Peruche, na capital, e em Sorocaba, Marília e Poá, no interior, realizaram-se na última semana importantes concentrações populares com a participação, entre outros, dos deputados Frota Moreira, Seixas Dória, Dagoberto Salles, Leônidas Cardoso, Cid Franco, Farabulini Júnior, Ariel Tomassini, vereadores, líderes sindicais e estudantes.

NA PRAÇA DA SÉ GRANDE COMÍCIO NACIONALISTA

No próximo dia 26 realizarse-á importante comício na Praça da Sé, que constituirá a 1ª CONCENTRAÇÃO NACIONALISTA DE SÃO PAULO. A manifestação, que será patrocinada por uma comissão de personalidades civis e militares, líderes sindicais e estudantes e outras pessoas de projeção na vida política e social do Estado,

vizinhos, o que contribui para a extensão do movimento.

A Frente promoveu vibrante comício na Praça da Liberdade, a que compareceram deputados federais e estaduais de diversos partidos, bem como vereadores e personalidades locais. Várias delegações trouxeram o apoio de populações de outras localidades: Comissão Nacionalista de Nilópolis, Centro Pró-Melhoramentos de Chatuba, Centro Pró-Melhoramentos de Queimados, Associação de Lavradores e Possesores de Pedra Lisa, Centro Pró-Melhoramentos de Andrade Araújo, Diretório do PTB de Heliópolis.

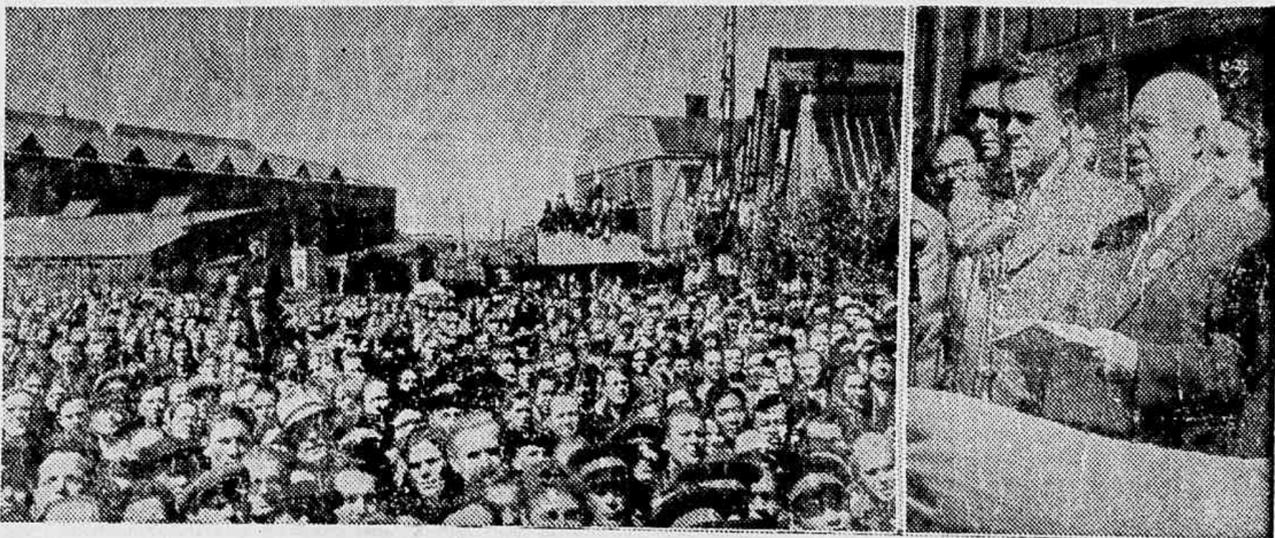
terá como objetivo prestigiar a Petrobrás e o monopólio estatal do petróleo assim como a posição nacionalista das forças armadas e dos parlamentares que no Congresso vêm pugnando pela emancipação do país. A concentração contará com delegações do interior do Estado e o manifesto de convocação está assinado em primeiro lugar pelo governador em exercício, general Porfirio da Paz.

NO ESTADO DO RIO

A FRENTE NACIONALISTA IGUAQUANA

O movimento nacionalista que se desenvolve em todo o país está se organizando em âmbito municipal, o que significa o seu fortalecimento já que deita raízes profundas em todo o território nacional, através da ação popular e da mobilização e união dos patriotas de todas as classes, camadas, setores e correntes políticas da vida de cada município.

No importante município de Nova Iguaçu, no Estado do Rio, foi organizada a Frente Iguaçuana Nacionalista, cuja atividade constitui um exemplo de unidade, em âmbito municipal, em torno dos objetivos patrióticos do movimento nacionalista. A atividade da Frente Iguaçuana já repercutiu nos municípios



KRUSCHIOV FALA EM LENINGRADO

Poucos dias antes de embarcarem para a Tchecoslováquia, Kruschiov e Bulgânin estiveram em Leningrado, acompanhados de outros dirigentes soviéticos, a fim de conferir ao povo leningradense ordens e medalhas da União Soviética pela passagem do 25º aniversário de fundação da cidade. Altas condecorações foram recebidas pelos trabalhadores de vanguarda, personalidades da ciência e da cultura, e membros destacados do Komsomol e do Partido Comunista da União Soviética. Nas maiores empresas foram realizados comícios de milhares de pessoas, nos quais falaram os dirigentes do P.C.U.S. O povo trabalhador da cidade de Leningrad demonstrou sua unidade inquebrantável e seu apoio caloroso à política do P.C.U.S., cerrando fileiras em torno do Comitê Central e condenando a ação do grupo antipartidário de Molotov, Malenkov, Kaganovitch e Chepilov. NA FOTO — Um aspecto do comício na usina "Elektrosila", quando falava o camarada N. S. Kruschiov.

Como os Comunistas Venceram em Kerala

M. N. Govidan Nair



Nas últimas eleições realizadas na Índia o Partido Comunista obteve dois milhões e meio de votos e passou a ser o segundo partido do país. No importante estado de Kerala o Partido Comunista obteve a maioria dos votos e por isso formou o governo estadual, com um ministério comunista. Publicamos abaixo uma análise das circunstâncias que favoreceram em Kerala e que explicam a histórica vitória dos comunistas hindus. O autor da análise é secretário do Comité Estadual de Kerala do Partido Comunista da Índia.

Em resumo, pode ser determinado que o sucesso do Partido Comunista em Kerala é devido, primeiramente, à peculiar situação política que prevalecia no estado e ao papel que o Partido foi capaz de representar. Em segundo lugar, é necessário abarcar o caráter essencial do Partido em Kerala de modo a compreender a força real do movimento.

Durante os últimos dez anos, Kerala atravessou uma situação de instabilidade política quase crônica. É necessário recordar aqui que Kerala atualmente é formado de três partes componentes, cada uma com um passado político diferente: a área de Malabar, no norte, esteve sempre dentro da velha Índia inglesa, como parte da Presidência de Madras. Foi somente no ano passado, depois do Acto de Reorganização dos Estados, que aquela parte juntou-se a Travancore e Cochim para formar o novo Estado de Kerala. Travancore e Cochim, dois principados, haviam sido unificados em um Estado em 1949. Foi neste Estado, de Travancore e Cochim, que haviam sido tentadas, na última década, praticamente todas as combinações dos partidos políticos, excetuando a que incluiu os comunistas, não tendo nenhuma sido capaz de formar um governo estável.

Inicialmente o Partido do Congresso tinha uma maioria de 107 numa câmara de 108 cadeiras. Ainda assim não pôde manter um governo estável devido às dissensões em suas próprias fileiras.

Nas eleições gerais de 1952, o Partido do Congresso tinha se tornado minoritário, mas a oposição democrática não era unida, eis que o Partido Socialista recusou-se a trabalhar com os comunistas. Por isso havia também grande instabilidade.

Nas eleições de 1954, embora o Partido Socialista Praja e o Partido Comunista houvessem lutado juntos e alcançado a maioria, o P.S.P. quebrou a aliança depois das eleições. Surgiu então uma situação absurda, com o P.S.P. (que detinha 19 cadeiras numa câmara de 118) formando governo apoiado pelo Partido do Congresso. Isso não podia durar muito e o próprio Partido do Congresso, embora sem maioria, arrebatou o ministério. Isso, por sua vez, não durou muito e sobreveio o governo do Presidente.

A experiência do povo de Kerala, portanto, foi de que nenhuma combinação de partidos que excluísse os comunistas poderia dar-lhe um governo estável. Esta instabilidade afetou seriamente a vida e o futuro do povo, pois, sob tais circunstâncias, nenhum governo poderia dispensar atenção séria a quaisquer planos ou projetos permanentes ou realmente significativos.

É somente agora, pela primeira vez em dez anos, que um só partido surge em Kerala com uma clara maioria, que pode assegurar um governo estável para o povo. Não há dúvida de que o desejo intenso de um governo estável ajudou a levar o povo a votar pelos comunistas de maneira tão massiva nas recentes eleições gerais.

Entretanto, é natural a pergunta: porque teria o povo escolhido entre todos os partidos o Comunista para lhe dar um governo estável? Por que esta mesma preocupação do povo não ajudou, por exemplo, o Partido do Congresso?

A resposta está, acreditamos, em que todos os partidos políticos em Kerala já tinham tido a sua oportunidade e o povo os havia julgado inoperantes. O Partido do Congresso provava que não podia formar um governo estável por causa de suas dissensões internas. Estas dissensões surgiram porque a base de massas do Partido do Congresso tinha sido abalada por sua política antipopular.

É SOMENTE QUANDO É ABALADA A BASE DE MASSAS DE UM PARTIDO QUE AS RIXAS DENTRO DA ORGANIZAÇÃO LEVANTAM A CABEÇA E ENFRAQUECEM ULTERIORMENTE A SUA INFLUÊNCIA SOBRE O POVO.

O fator básico da perda do eleitorado pelo Partido do Congresso está no fracasso do seu governo em prover às necessidades do povo. Foi então que o povo veio a verificar, por sua própria amarga experiência, que ainda quando o Partido do Congresso é aquinhado com uma maioria — como o foi no passado — não pode ele propiciar um governo popular e estável.

No que diz respeito ao P.S.P., com a sua base que não é de nenhum modo forte, com sua popularidade reduzida por sua aliança oportunista com o Partido do Congresso e com sua obstinada recusa em chegar a qualquer tipo de acordo com os comunistas, o povo, muito naturalmente, havia chegado à conclusão de que o P.S.P. não estava interessado em dar a Kerala um governo de esquerda realmente forte. O eleitorado de Kerala decidiu, então, que era ao Partido Comunista que devia ser concedido o mandato para formar um governo progressista e estável.

O ACÉRVO POLÍTICO DO PARTIDO

Qual é o acervo político do Partido Comunista que detinha a confiança da maioria dos eleitores, apesar da enorme massa de viciosa propaganda anticomunista?

Em primeiro lugar, é necessário levar em conta o destacado papel desempenhado pelo Partido Comunista no movimento nacional, em Malabar e em Travancore-Cochim. Os atuais líderes do Partido Comunista em Kerala foram os lutadores mais ativos do Partido do Congresso nos dias da luta contra a Inglaterra e os Príncipes feudais. O Partido Comunista em Kerala, como um partido atuando dentro do Partido do Congresso, representou um papel decisivo na luta política pela liberdade. Os camaradas Krishma Pillai, Namboodiripad e Gopalan foram outrora líderes e construtores do Partido do Congresso em Kerala. Nos anos de trinta, após o esmagamento da feroz repressão dos ingleses, foram estes líderes que organizaram o Partido do Congresso, particularmente em Malabar. Indo de aldeia em aldeia eles plantaram as unidades do Partido do Congresso, como o fizeram duas décadas mais tarde ao organizar o nosso Partido. Situações semelhantes prevaleceram em Travancore e em Cochim.

Ainda mais, somente o Partido Comunista tinha um consistente e combativo acervo político na luta para criar um Estado unido de Kerala. Além disso, em todas as fases deci-

mento; os líderes do movimento nacional, os líderes do Partido do Congresso, voltados para o marxismo e entre os operários e camponeses a Bandeira Vermelha por eles plantada. Desta maneira a luta nacional ganhou nova força enquanto o Partido Comunista começou com uma forte base.

Princípios de Conduta

Desde os primeiros dias o Partido Comunista em Kerala cresceu até hoje, quando conta 25.000 membros e podendo, com esforço, ser triplicado este número.

Em suma: o firme crescimento de nosso Partido em Kerala e a extensão de sua influência podem ser explicados por diversos fatores. Primeiro, os líderes e membros do Partido mantiveram um constante, resolutivo contacto com as massas, através da sua atividade diária. Essa ligação nunca se detém e não é esporádica.

Segundo, apesar de nossa limitada experiência, tentamos o uso de todas as formas, métodos e veículos para manter e expandir as nossas ligações com as massas. Desde o trabalho sindical até o teatro popular, desde a distribuição de literatura ideológica até a circulação em grande escala de romances progressistas, nós não desprezamos meios de nos ligar ao povo. E também, ainda de modo muito limitado, tentamos trazer de volta as reações e as experiências do povo para a direção do Partido.

É este supremo desejo de fortalecer nossos laços com o nosso povo, particularmente com os operários e camponeses, que nos guia em todo trabalho e detalhes, incluindo os níveis de vida dos novos ministros do governo que são comunistas. Deste modo somos mais capazes de avaliar os desejos das massas e no curso da própria campanha achamos possível obter mudanças na consciência do povo, partindo de suas necessidades comuns e elevando-as passo a passo. Foi dessa maneira que pudemos, durante a campanha, fazer inclinar-se para nós setores novos do povo.

Terceiro nós em Kerala encaramos a unidade do Partido como objeto de suprema consideração. Compreendemos que devemos conservá-la como a menina dos nossos olhos. Nós temos divergências dentro do organismo do Partido em Kerala; algumas vezes divergências agudas, mas nós as encaramos como um sinal de vida e crescimento. Mas não há fracionismo, não há grupismo. Nós mantemos uns para com os outros, e mais elevado respeito, fraternal e político, e jamais seca a fonte da confiança mútua e do mútuo respeito pela integridade dos camaradas.

É a unidade do Partido que nos tem auxiliado em muitas tempestades e esta unidade ainda uma vez será a âncora mestra de nossa força nos dias vindouros de julgamento. Ninguém é mais consciente de nossas limitações e defeitos do que nós mesmos. Mas estamos convencidos de que se permanecermos sinceros para com o povo trabalhador, se conservarmos e fortalecemos a unidade do nosso Partido, não falharemos, apesar de todos os nossos defeitos, ao amor e à confiança daqueles milhões que nos incumbiram de novas responsabilidades. Se nós servirmos o povo honestamente, ninguém poderá privar-nos do seu imenso amor e infalível encorajamento.

Não é Possível Voltar Para Trás Das Resoluções do XX Congresso Togliatti critica o espírito conservador, que impede o desenvolvimento para a frente

O jornal «Unità» publicou uma declaração do secretário geral do Partido Comunista Italiano, Palmiro Togliatti, a qual acentua que a resolução do Pleno de julho do CC. do PCUS «diz respeito a problemas complexos, que têm importância vital não somente para os Partidos Comunistas, como também para todo o movimento operário e popular. Trata-se da linha política aprovada pelo XX Congresso do PCUS e que se tornou uma conquista de todo o movimento operário internacional. Nós sempre demos e continuaremos dando a nossa aprovação, sem quaisquer reservas a esta linha política, uma vez que ela corresponde ao desenvolvimento do marxismo, que é imposto em escala internacional e em escala de cada país pelos êxitos de nosso movimento e pelas novas condições objetivas. Por este caminho também seguimos nós, aspirando trazer a contribuição positiva de nosso Partido. Nós sempre pensamos e dissemos, que não é possível voltar para trás das resoluções do XX Congresso, que, pelo contrário, é preciso ir mais para a frente, permanecendo fiel aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, e simultaneamente lutando contra o esquematismo e o espírito conservador, que impede o movimento para a frente, como o exigem nossos princípios, como o exige a situação. Isto foi e continua sendo particularmente necessário para a correção daqueles erros do passado que, com severidade, porém de modo

justo, foram desmascarados pelo XX Congresso e que inflingiram um dano evidente ao nosso movimento.

«Os camaradas soviéticos puseram-se a resolver, resolveram ou quase resolveram, no decurso dos últimos três a quatro anos uma quantidade de assombrosos problemas da orientação geral e de problemas práticos, relacionados com a situação internacional e com a situação econômica e política de seu país. Eles se chocaram com sérias dificuldades, como, por exemplo, os acontecimentos na Hungria, que exigiram medidas energéticas para barrar o caminho à reação e à guerra. Os camaradas soviéticos em seu trabalho conservaram a fidelidade ao curso, elaborado pelo XX Congresso, do qual extraíram as necessárias conclusões para a sua atividade nos diferentes terrenos.

«Entretanto, as resoluções atuais do CC do PCUS permittem-nos compreender melhor que resistências e que dificuldades os camaradas soviéticos foram obrigados a superar para que fosse possível ir para a frente e alcançar aqueles êxitos, que foram alcançados.

O CC do PCUS, indica adiante Togliatti, confirmou somente, de modo triunfal, a sua linha política. O decidido apoio nas resoluções do XX Congresso e na necessidade de seu cumprimento consequente em todos os terrenos, superando a resistência de todos aqueles que se oponham a esta necessidade, pode dar somente novos resultados positivos.

das da luta nacional do povo de Kerala a classe operária e o campesinato, intervieram efetivamente sob a liderança da Bandeira Vermelha. Esta liderança foi provada nas mais severas batalhas, na direção de dezenas de milhares nas greves gerais dos trabalhadores rurais, dos barqueiros, e de greves diretamente políticas como as dos anos de quarenta, exigindo o fim da autocracia dos Príncipes. O nosso Partido esteve na vanguarda em todos esses esforços populares; dezenas de nossos camaradas caíram como mártires diante das balas e dos golpes da polícia. Mas o povo não esqueceu esta liderança.

Atualmente o Partido Comunista em Kerala estendeu a sua influência entre todas as classes e setores do povo. Já não é nem um grupo estreito confinado à intelectualidade, nem uma organização cuja influência não vai além da classe operária e do campesinato. Ele é forte entre a classe operária, os trabalhadores agrícolas e os camponeses, a classe média em seu conjunto, e também entre os intelectuais. Esta influência decisiva do Partido veio como resultado de quinze anos de trabalho sólido e árduo junto a todos os setores em Kerala. Os seus líderes e membros originaram-se ou atuaram com os camponeses e os organizaram; vieram da classe operária ou com ela atuaram e a organizaram; originaram-se das profissões liberais e da intelectualidade e deram contribuições nesses setores que são reconhecidas por todos.

Até mesmo entre os muçulmanos é crescente a influência do Partido Comunista. Foi somente sob a liderança da Bandeira Vermelha que as mulheres muçulmanas puderam ser vistas em Kerala, livres da reclusão. Entre os cristãos, que como uma frente religiosa distinta tem há tanto tempo ficado praticamente fora de toda influência progressista, tem havido uma mudança digna de nota e pela primeira vez uma seção de eleitores cristão respondeu ao chamado do Partido. Sinais novos são pois evidentes também neste setor, embora a nossa fraqueza não deva ser subestimada.

Finalmente, a ligação do Partido Comunista com as massas, com todos esses diferentes setores, não é vaga, de caráter geral; ela não é episódica, não surge somente nos momentos de intenso fermento político.

Contacto vivo com as massas

Em Kerala o nosso Partido se esforça por manter um contacto estreito, diário, com cada setor do povo. Os líderes e membros do Partido vivem diretamente com o povo, no seio do povo, e chamam a si qualquer acontecimento ligado à vida do povo: uma escola aqui, um despêjo ali, um operário despedido, uma criança necessitando de tratamento médico, — em cada caso individual, há sempre um comunista ou uma célula comunista que se interessa diretamente e serve o povo dia após dia.

As ações espetaculares não contribuem tanto para a força do Partido quanto esta atividade constante, este rumor que não cessa, que pode parecer um trabalho mesquinho porque é desprovido de todo encanto e agitação.

Na verdade, o sucesso em cada ação espetacular constituiu fundamentalmente o resultado deste trabalho infinitamente penoso que milhares de membros do Partido levaram avante em seus respectivos setores.

Esta qualidade provou ser o nosso maior ativo também nas eleições gerais, pois foram perdidos muito poucos eleitores que apoiam o Partido Comunista e esta grande campanha eleitoral não mostrou sinais de esforço violento ou cansaço enquanto o Partido lutava sozinho contra pesadas desvantagens.

O Partido Comunista em Kerala pode proclamar, com toda a humildade, haver se esforçado sempre para defender o povo. Suas origens podem ser encontradas num sentimento de insuficiência de que foram tomados os líderes mais ativos do movimento nacional conduzido pelo Partido do Congresso, no curso de sua experiência direta com a liderança do Partido do Congresso. Lembro-me que quando terminou a grande luta dos operários de Alleppey, participantes do movimento em Travancore, em 1938, os dirigentes do Partido do Congresso no estado não puderam ser persuadidos de defender sequer a causa dos que haviam sofrido naquela luta. Milhares haviam sido levados à prisão e submetidos a brutal repressão. Os líderes do Partido do Congresso no estado não concordaram sequer em exigir uma investigação.

Foi então que muitos de nós sentimos que alguma coisa estava faltando, que alguma coisa mais era necessária para liderar com sucesso as massas trabalhadoras na luta pela liberdade, e foi isso que trouxe a muitos de nós a conclusão lógica de fundar um Partido Comunista. A força do Partido Comunista em Kerala repousa, em primeiro lugar, no fato de que é um partido que tem os seus alicerces na luta dos operários e dos camponeses.

As duas correntes de força uniram-se num poderoso movi-

SÓBRE A CHAMADA "POLÍTICA DE NEUTRALIDADE"

Ivan Ramos Ribeiro

ATÉ RECENTEMENTE, manifestavam-se e opunham-se politicamente, no Brasil, duas opiniões (e também duas condutas) no que se refere à política externa do país. De um lado, a política oficial, governamental, sustentada igualmente no parlamento pela grande maioria de cada um dos partidos aí representados. Pode-se defini-la, sumariamente, como política externa antinacional, de submissão ao «diktat» da política norte-americana de expansão imperialista, de preparação de uma nova guerra mundial. É uma política de incorporação do Brasil aos planos de guerra lanques, de participação ativa do Brasil numa futura guerra, ao lado dos Estados Unidos.

A essa política reacionária, hostil aos interesses do povo brasileiro, opunha-se, de outro lado, a luta por uma política exterior independente e de paz. Propugnada pelos comunistas em aliança com outros setores progressistas da opinião pública brasileira, ela pode assim resumir-se: ruptura com a submissão à política externa de preparação guerrilha norte-americana, relações diplomáticas, econômicas e culturais com todos os países, adesão do povo brasileiro e do governo brasileiro à causa da manutenção e consolidação da paz em todo o mundo, atuação permanente ao lado das forças mundiais da paz contra as forças da guerra, inclusive se a guerra chega a desencaixar-se.

Agora surge, no panorama político brasileiro, uma terceira opinião: por uma política externa de neutralidade ou, como às vezes também se diz, repetindo a formulação da política externa oficial indú, por uma política externa de neutralidade ativa. Se se toma como modelo dessa política, a forma com que ela se apresenta no governo de Nehru, pode-se resumir-a como sendo uma política exterior que reconhece a existência de ameaças em geral à paz mundial e a necessidade de defender a paz propondo ou apoiando medidas de paz em cada caso concreto. Como decorrência, essa política adota uma posição formal equidistante, ou seja, neutra, em relação a todos os países, em particular em relação às grandes potências, posição que deverá ser mantida também em caso de guerra.

Uma análise objetiva da aplicação dessa política nos últimos anos, no caso da Índia, mostra que ela tem sido útil à causa da manutenção da paz mundial. Apesar de que ela se nega, por princípio, a reconhecer a existência de Estados que permanentemente estão e só podem estar interessados na defesa da paz e de Estados que, ao contrário, permanentemente estão e só podem estar interessados na guerra, — na prática, como na realidade tanto uns como outros desses Estados existem, essa política tem-se traduzido numa aliança, embora não formal, da Índia com os Estados defensores da paz, isto é, com a União Soviética, a China e demais países do campo socialista, contra os Estados propugnadores da guerra, em primeiro lugar os Estados Unidos, a Inglaterra e a França imperialistas. É desse fato, e não da política de neutralidade em si, que resulta a grande projeção internacional da Índia de nossos dias como país que vem servindo efetivamente à causa da manutenção da paz mundial.

A base objetiva da existência da política de neutralidade da Índia (como aliás de outros países asiáticos e do Oriente Próximo e Médio) é, de um lado, a existência do sistema socialista, que luta por princípio e firmemente pela paz mundial e apoia a luta dos povos oprimidos por sua independência nacional, e, de outro, o fato de que a Índia, não sendo um país imperialista, não é também um país socialista, mas um país que não se libertou totalmente ainda da dominação imperialista e que continua a lutar por sua independência sob a direção predominante da burguesia nacional.

O caráter contraditório, acima assinalado, da política exterior da Índia, resulta, por um lado, de que, ao lutar por sua independência nacional, ela não pode deixar de aliar-se ao campo mundial do socialismo, ao movimento operário comunista mundial, encabeçado pela União Soviética; por outro, de que, no processo da revolução democrático-burguesa, agrária e anti-imperialista, que está em desenvolvimento na Índia, quem detém ainda a maior influência política (e também o poder político) é a burguesia nacional e não o proletariado indú e seu Partido Comunista.

O Partido Comunista da Índia apoia a política exterior do governo de Nehru, reconhece o seu lado positivo predominante, mas não aderiu em nenhum momento a ela, não fez dela a

«sua» política. Ele continua a lutar pela hegemonia do proletariado na revolução indú e, portanto, a lutar inclusive para que a política externa da Índia chegue a ser uma política consequente de paz, de aliança aberta, franca e decidida com as forças da paz em todo o mundo, o que representaria, como qualquer um pode reconhecer, uma contribuição consideravelmente maior da Índia para a causa da paz mundial.

Que significa, pois, o surgimento recente, no Brasil, de opiniões em favor de uma política exterior de neutralidade? Significa que setores da burguesia nacional, até agora inativos ou pouco ativos no terreno da luta pela independência nacional, entram agora na lida com palavras-de-ordem políticas próprias, quer dizer, burguesas. Isso, no essencial, é um fato positivo. É um aspecto importante do avanço e da ampliação da luta pela libertação nacional: novos setores de um dos aliados do proletariado nessa luta e as massas sobre as quais influem põem-se agora em movimento. O proletariado e seu Partido não podem deixar de apoiá-los, de buscar e estabelecer a aliança com eles, no interesse comum de novos êxitos na luta pela independência do Brasil.

Ao fazê-lo, entretanto, a classe operária e seu Partido não têm por que desconhecer o caráter de classe, distinto do seu, do seu aliado nacional-burguês e de suas palavras-de-ordem. Ao unir-se com ele, nem por isso, portanto, adere a ele, renunciando à sua posição independente de classe. Ao contrário, continua lutando com ele, com ele disputando a hegemonia na luta pela libertação nacional. Pois o próprio fato de que a burguesia vem à luta com palavras-de-ordem próprias não significa que ela, tendo certos objetivos comuns com o proletariado em nosso país, tem também, ao mesmo tempo, outros objetivos atuais e remotos que são diferentes e aos quais não renuncia?

Assim, no tocante à política exterior do Brasil, o proletariado e seu Partido, ao mesmo tempo que apoiam os neutralistas e se aliam a eles, reconhecendo o caráter objetivo anti-imperialista de sua posição, continuam entretanto a lutar por uma política exterior independente de paz. São posições distintas e não se pode pretender ocultar isso, pois isso se manifesta a cada momento de forma concreta: atualmente, por exemplo, nem os comunistas e as forças progressistas que os acompanham nem os neutralistas estão de acordo com a entrega de Fernando de Noronha. Mas os neutralistas não deram, pelo menos até agora, a esse ato antinacional e grave a importância grave que ele tem realmente e não lutam ainda com suficiente vigor pela sua anulação.

Os comunistas brasileiros não desconhecem que a substituição da atual política externa do Brasil por uma política de neutralidade seria um fato altamente positivo para o povo brasileiro e para a causa mundial da defesa da paz. Se a situação que coloque na ordem-do-dia a possibilidade de vitória imediata de uma tal política, os comunistas não deixarão um só momento em empregar todos os seus esforços em prol dessa vitória. Aliás, a posição independente dos comunistas, cria em certo sentido, ao contrário do que se pensa, condições para essa vitória, embora ao mesmo tempo tenda a criar condições para a vitória da política mais clara e consequente propugnada pelos próprios comunistas.

Mas os comunistas sabem que não só a situação atual não está madura para a vitória no Brasil da política de neutralidade como também que, se estivesse ou se vier a estar alguma dia, isso não esgotaria ainda a questão de uma política exterior justa, consequente até ao fundo, para a nação brasileira. Por isso, embora aliados com os neutralistas, lutam e continuarão lutando por uma política exterior independente e de paz, de aliança franca, estreita e decidida com as forças mundiais da paz, cujo cerne é o campo socialista encabeçado pela União Soviética. E assim que, deixando bem clara sua posição com os neutralistas, melhor poderão unir-se com eles.

EM DEFESA DA UNIDADE DO PARTIDO

Novas resoluções de organizações intermediárias do Partido Comunista do Brasil estão sendo divulgadas através de todo o país. Publicamos abaixo um resumo de alguns desses documentos.

COMITÊ REGIONAL CATARINENSE

Pela unanimidade de seus membros, o CR Catarinense, reunido em pleno, «saúda o C.C. pela firmeza com que vem defendendo a unidade e a disciplina partidária, dentro das fileiras do nosso Partido. A restauração do princípio da direção coletiva e da democracia interna, exige uma firme disciplina e não nega, ao contrário reafirma, o consagrado princípio do centralismo democrático.»

O CR conclama o Partido na região a lutar contra a entrega de Fernando de Noronha e reafirma sua confiança no C.C., no Presidium e no camarada Prestes, os quais «juntamente com todos os militantes e o Partido, e extraindo das massas preciosos ensinamentos, saberão encontrar a solução dos problemas nacionais e conduzirão o povo brasileiro sob a direção do proletariado, para dias melhores».

NOTA PÚBLICA DO CR CATARINENSE

«O CR Catarinense, tendo tomado conhecimento das declarações de Agildo Barata, de que vários dirigentes do CR lhe haviam dado apoio e rompido com o C. C., vem de público desmentir categoricamente tal afirmativa. O C.R. na sua unanimidade de membros e de organismos, reafirma suas declarações anteriores de inteiro apoio ao C. C. e ao camarada Prestes. O CR Catarinense repudia a ação fracionista de Agildo Barata e seu pequeno grupo.»

COMITÊ REGIONAL DE CAMPINAS

O CR de Campinas, reunido em pleno ampliado, saudou o C.C. «pelos esforços desenvolvidos no caminho do fortalecimento de nossa organização partidária, ao mesmo tempo que lhe dá inteiro apoio e solidariedade na luta contra o fracionismo, contra o revisionismo, pelo respeito aos princípios marxistas-leninistas de organização do Partido.»

Depois de condenar a atividade do grupo de Agildo Barata, diz o CR: «Compreendendo como acertado e necessário o esforço que vem desenvolvendo o C.C. e todo o Partido para que seja ampliada a democracia interna, aplicado o princípio de direção coletiva, fomentada a crítica e autocritica e reforçado o centralismo democrático, continuaremos fazendo tudo para a correção de nossos erros, tanto no que se refere à aplicação da linha política como aos métodos de trabalho. Estamos certos de que esse justo esforço levará ao fortalecimento da unidade do Partido e ao florescimento da atividade revolucionária de todos os seus membros. Não confundimos a luta de opiniões dentro do nosso Partido, obedecidas as normas estatutárias, com a luta pela liquidação e desmoralização do Partido, realizada por aqueles que o renegam. Também não confundimos os atos e atitudes daqueles camaradas que divergem ou que estão equivocados, mas que se mantêm dentro dos princípios partidários, com a posição do Sr. Agildo Barata e mais alguns poucos renegados e desertores.»

COMITÊ DE ZONA DE LONDRINA

O CZ de Londrina, em pleno ampliado para discutir as últimas resoluções do C.C., resolveu: «1 — hipotecar inteira solidariedade ao C. C., tendo à frente o camarada Prestes; 2 — manifestar sua repulsa às atividades antipartidárias desenvolvidas por Agildo Barata e seu grupo, como violadoras do princípio de unidade, fonte de solidez e força do Partido; 3 — transmitir ao C.C. sua confiança de que venha a tomar as medidas capazes de sustar as atividades divisionistas, de maneira a preservar a coesão nas fileiras do Partido, temperando-o para o cumprimento de sua missão histórica à frente do povo brasileiro.»

COMITÊ DE ZONA DE CORNÉLIO PROCÓPIO

«O CZ de Cornélio Procópio, reunido para discutir os últimos documentos do C. C., referentes à atitude de Agildo Barata e seu grupo, repudiou por unanimidade essa atividade

fracionista que representa a ação do inimigo dentro de nosso glorioso Partido, na tentativa infrutífera de semear discórdia entre seus membros e ainda propagar o liquidacionismo que é uma das velhas aspirações dos imperialistas. Assim sendo hipotecamos como sempre o fizemos, nossa solidariedade ao CR Norte do Paraná, ao C.C. e ao camarada Prestes».

COMITÊ DE ZONA DO PARANÁ

Depois de discutir a resolução «Sobre a unidade do Partido» e a «Declaração do Presidium» sobre as atividades antipartidárias de Agildo Barata, resolveu o CZ de Paranava «por unanimidade dos seus membros presentes, saudar calorosamente e aprovar as medidas tomadas pelo Presidium contra esses renegados inimigos da classe operária e do povo brasileiro. Nosso Partido se reforça eliminando de suas fileiras os carreiristas e aventureiros de toda espécie. O C. de Paranava se compromete a reforçar sua vigilância e sua unidade na defesa do Partido e de sua direção, tendo à frente o camarada Luiz Carlos Prestes, convencido de que só assim poderemos expulsar de nossa pátria o imperialismo norte-americano e liquidar o seu sustentáculo interno, os latifundiários».

COMITÊ DE ZONA DE SANTO ANDRÉ

«O CZ de Santo André reuniu-se em ampliado e discutiu as questões atinentes à vida do Partido e à unidade de suas fileiras. Após debates democráticos dessas questões, na base dos princípios que regem o Partido Comunista do Brasil partido marxista-leninista, o pleno resolveu: Aprovar um voto de apoio ao C.C. e ao camarada Prestes, pela sua firmeza na aplicação das resoluções partidárias, estendendo o apoio ao CR Piratininga. Aprovam ainda condenar as atitudes dos divisionistas no seio do único partido da classe operária, o Partido Comunista do Brasil.»

COMITÊ DISTRITAL DA PENHA (RIO)

«O CD da Penha, ante os últimos acontecimentos caracterizados pela posição tomada pelo renegado e aventureiro Agildo Barata, dirige-se ao C.C. e seu Presidium para reafirmar sua confiança e apoio irrestrito. O CD, por outro lado, é favorável à expulsão de Agildo Barata do PCB, como inimigo declarado do proletariado. Agindo com toda a consciência, Agildo Barata procurou e está tentando minar a unidade de nosso glorioso Partido, no momento em que o imperialismo, através de documentos forjados, mentiras e calúnias, procura confundir os partidos comunistas de todo o mundo.»

COMITÊ DISTRITAL DE REALENGO

«O CD de Realengo, em reunião, aprovou como resolução, por unanimidade, em sinal de protesto pelo trabalho divisionista de Agildo Barata e seu grupo, concentrar todos os seus esforços no trabalho da unidade do Partido em torno de nosso C.C.»

«O CE da Light do PCB, reunido em pleno ampliado resolveu por unanimidade enviar ao C.C. do PCB uma nota de solidariedade pelas posições tomadas contra os divisionistas e em defesa da unidade do Partido. Nós continuamos firme na defesa do internacionalismo proletário, reconhecendo como centro dirigente a URSS, na luta pela paz e pela coexistência pacífica entre os povos do mundo. Confiantes na sabedoria criadora do marxismo-leninismo, enviamos ao CC do PCI as nossas congratulações em nome das OOBs do CE da Light.»

MENSAGENS DIVERSAS

A OB de Del Casilho resolveu por unanimidade dar inteiro apoio às últimas resoluções do C.C. e propor ao C.C. a expulsão de todos os divisionistas.

A OB Godói enviou mensagem ao C.C., manifestando-se de pleno acordo com a resolução sobre a unidade do Partido e prometendo tudo fazer para cumprir a orientação e as tarefas ali indicadas.

SENSACIONAL!

O LIVRO NEGRO dos acôr os de minerais a ônicos firma os entre o Brasil e os Estados Unidos



A TRANSFORMAÇÃO SOCIALISTA NA CHINA POPULAR

Mais de mil deputados participaram da 4ª Sessão do Congresso Nacional do Povo, o órgão supremo do poder estatal na China — Terminada a revolução socialista, avança a República Popular da China no caminho da construção do socialismo — Cumpridas e superadas muitas das cotas previstas para o fim do Primeiro Plano Quinquenal, em dezembro de 1957

CONGRESSO NACIONAL DO POVO

O Congresso Nacional do Povo é o órgão supremo da autoridade estatal, na República Popular da China — eis o que estabelece o artigo 21 da Constituição chinesa. É a única autoridade legislativa do país e se compõe de deputados eleitos pelas províncias, regiões autônomas, municipalidades, forças armadas e chineses residentes no exterior. O Congresso Nacional do Povo é eleito para um período de 4 anos e uma vez por ano deve reunir-se, ordinariamente. Entre as importantes funções e poderes desse Congresso destacam-se emendar a Constituição; elaboração de leis; eleição do Presidente e Vice-presidente da República Popular da China; escolha do Primeiro Ministro e dos membros do Conselho do Estado; eleição do Presidente da Suprema Corte Popular; decisão dos planos de economia nacional; exame e aprovação dos orçamentos do Estado e do relatório financeiro; decidir as questões da paz e da guerra, etc.

No dia 28 de junho deste ano instalou-se em Pequim a 4ª Sessão do Congresso Nacional do Povo, com a presença de 1.062 deputados de todas as partes da China e sob a presidência de Liu Shao-chi, presidente do

Comitê Permanente do Congresso. Importância excepcional assume esta sessão — nela se fez o balanço da economia nacional no ano de 1956, às vésperas do término do 1º Plano Quinquenal, que abrange os anos de 1953 a 1957.

Chou En-lai, Primeiro Ministro da China Popular, apresentou o informe principal "Sobre a atividade do governo". Outros pontos estavam incluídos no ordem-dia:

- balanço final de 1956 e orçamento do Estado para 1957 (informe de Li Hsien-nien)
- plano de economia nacional para 1957 (informe de Po I-po)
- atividade do Comitê Permanente do Congresso Nacional do Povo (informe de Peng Chen)
- atividade da Corte Suprema do Povo (informe de Tung Pi-un)
- atividade da Suprema Procuradoria do Povo (informe do procurador-chefe Chang Ting-cheng)
- formação das Regiões Autônomas de Kwangsi Chuang e de Ninghia Hui (informe de Ulanfu, presidente da Comissão de Assuntos das Nacionalidades)

Melhoram as condições de vida do povo

No ano de 1956, a China enfrentou as piores secas e inundações das últimas décadas, o que prejudicou a 70 milhões de seus habitantes. Isso exigiu da parte do governo popular uma assistência especial às populações atingidas e o desembolso de verbas que poderiam ser aplicadas na construção.

Apesar disso, aumentou a produção agrícola e o poder aquisitivo das massas populares.

De 1949 a 1956 aumentou em 79% o valor total da produção agrícola. O poder aquisitivo dos camponeses aumentou em 136%, de 1950 a 1956. Entre 1950 e 1956, o Estado forneceu duas vezes mais roupa; maiores quantidades de sal, açúcar, quero-

sene, cigarros além de outros produtos. Em fins de 1949 havia cerca de 8 milhões de trabalhadores e empregados nas organizações do Estado, nas empresas estatais e privadas e nos serviços públicos. No fim de... 1956 seu número aumentara para 24 milhões. O salário médio de todos os trabalhadores e empregados em 1952 era de 446 «yuan» por ano — em 1955, passara a 610 «yuan», um aumento de aproximadamente 37% em quatro anos.

O número de trabalhadores e empregados, estimado em 22.168.000 no fim do ano, ultrapassará o plano e o salário médio será 37% mais elevado que em 1952, ao invés do aumento previsto no plano, de 33%.

O poder aquisitivo deverá elevar-se, em 1957, de 1,8% em comparação com o do ano anterior. Isso será possível graças ao aumento da produção e o reajustamento dos preços.

Existem ainda dificuldades, desigualdades entre salários, insuficiências no suprimento de bens de consumo — mas é preciso lembrar, diz Chou En-lai, que a China tem 600 milhões de habitantes.



Membros de uma cooperativa agrícola da província de Tchikiang em plena colheita.

A Industrialização na China

Os alicerces de industrialização da China foram lançados com o primeiro Plano Quinquenal, o qual seria cumprido, no fundamental, este ano, afirmou o Vice-Primeiro Ministro Po I-po. Em seu informe ao Congresso Nacional do Povo, referente ao plano econômico nacional para 1957, disse que a China podia agora construir suas próprias estações de força, equipamentos de minas e muitos outros implementos da indústria leve e pesada.

Os pontos principais do plano para 1957 — último ano do Plano Quinquenal — são:

Produção industrial total avaliada em 60.340 milhões «yuan», seria 12,7 por cento superior ao plano original. O efeito disso será elevar a taxa média do crescimento

Aprender Com a União Soviética

"No primeiro período do Plano Quinquenal — disse Chou En-lai — a União Soviética planejou para nós e equipou 156 projetos, forneceu a nosso país créditos a longo prazo, em somas vultosas e sob condições favoráveis e enviou para a China grande número de técnicos e especialistas, para ajudar-nos em nosso trabalho de construção. Essa ajuda desinteressada merece a renovação de nossos agradecimentos calorosos ao governo e povo soviéticos. Existem ainda pessoas que tentam negar a enorme significação da ajuda desinteressada da União Soviética a nosso país. Eles visam sem dúvida romper a amizade entre a China e a URSS, minar nossa solidariedade internacional e fazer fracassar nossa construção socialista".

E mais adiante: "Algumas pessoas são contra aprender com a experiência da União Soviética e di-

zem mesmo que os erros e as debilidades em nosso trabalho de construção são também o resultado de aprendermos com a URSS. Eis um ponto de vista prejudicial. Acreditamos que aprender com a União Soviética é inteiramente necessário. Trata-se de saber como nós estamos aprendendo. Se não aprendemos bem, a responsabilidade toda é nossa. A União Soviética é o primeiro país no mundo que estabeleceu o socialismo e possui um rico patrimônio de experiência de vanguarda. Se nós, que estamos empenhados em construir o socialismo, não aprendemos com a União Soviética, vamos aprender então com a experiência dos Estados Unidos na construção do capitalismo? De fato, exatamente porque estudamos conscientemente a experiência de vanguarda da União Soviética é que fomos capazes de evitar muitos erros desnecessários e assim fizemos grandes realizações em nosso trabalho construtivo".



Camponeses de uma cooperativa semeiam arroz durante a semeadura da primavera.

O povo chinês caminha para novas vitórias

Uma das mais importantes questões tratadas por Chou En-lai em seu informe foi a do sistema básico do Estado. "A nossa é uma ditadura democrático-popular — afirmou ele — baseada na aliança operário-camponesa. Em nosso país todo o poder pertence ao povo e o povo exerce o poder estatal através do Congresso Nacional do Povo e dos congressos populares locais, de todos os graus".

Foi graças ao sistema estatal que a China popular obteve a vitória decisiva na revolução socialista e assegurou grandes êxitos na construção socialista.

As vitórias da China basearam-se — concluiu Chou En-lai — internamente na grande unidade do povo chinês, formado por diferentes nacionalidades, sob a direção do Partido Comunista; internacionalmente, na unidade existente entre a China Soviética e na unidade entre a China e todos os povos e países amantes da paz.

As vitórias da China basearam-se — concluiu Chou En-lai — internamente na grande unidade do povo chinês, formado por diferentes nacionalidades, sob a direção do Partido Comunista; internacionalmente, na unidade existente entre a China Soviética e na unidade entre a China e todos os povos e países amantes da paz.

As vitórias da China basearam-se — concluiu Chou En-lai — internamente na grande unidade do povo chinês, formado por diferentes nacionalidades, sob a direção do Partido Comunista; internacionalmente, na unidade existente entre a China Soviética e na unidade entre a China e todos os povos e países amantes da paz.

O Socialismo foi Completado na China, no Fundamental

Em nome do governo, o Primeiro Ministro Chou En-lai apresentou um informe, no qual analisou a atividade do mesmo durante o ano decorrido desde a sessão anterior do Congresso. Iniciando seu informe, disse Chou En-lai:

"Há exatamente um ano encerrava-se a 3ª sessão do Primeiro Congresso Nacional do Povo. Foi um ano de grandes modificações. Durante esse período, alcançamos uma vitória fundamental em nossa revolução socialista; isso acarretou mudanças históricas e profundas em nossa vida social. Houve também imensas realizações no terreno da construção socialista e isso tornou possível para nós, este ano, cumprir e mesmo superar o primeiro Plano Quinquenal para o desenvolvimento da economia nacional. No curso de nossa revolução e construção socialistas, ganhamos uma experiência valiosa e aprendemos algumas lições úteis. Tudo isso assegurará o posterior avanço de nossa causa socialista. Eis, em resumo, as grandes realizações do ano passado, que serão lembradas gloriosamente em nossa história".

Em seu informe, Chou En-lai aborda cinco questões:

- 1 — A revolução socialista;
- 2 — A construção socialista;
- 3 — As condições de vida do povo;
- 4 — O sistema básico do Estado;
- 5 — A unidade nacional e internacional.

O ano de 1956 assinalou a transformação socialista da propriedade privada dos meios de produção na agricultura, artesanato e na indústria e comércio capitalista, que foi virtualmente completada. O velho sistema de propriedade privada dos meios de produção, que existiu durante alguns milênios, transformou-se num sistema de propriedade pública, afirmou o Primeiro Ministro.

A reforma agrária destruiu os fundamentos do feudalismo; o movimento de resistência à agressão americana e de ajuda à Coreia derrotou a provocação armada contra a Nova China; a supressão da contra-revolução significou um golpe demolidor nos contra-revolucionários de todos os tipos e assim consolidou a ditadura democrático-popular. Os movimentos San Fan Wu Fan (contra a corrupção, o burocratismo e o desperdício) fizeram recuar os ataques ferozes da burguesia e criaram condições favoráveis para a transformação socialista da indústria e do comércio. A campanha de reforma ideológica permitiu examinar e criticar muitas ideias reacionárias e deu a resposta inicial à pergunta: a quem devem servir os intelectuais?



Escola de Construção Naval de Shangai. Esta escola foi fundada no ano passado e tem agora 1.900 alunos.

Desmascarados os direitistas

A 4ª Sessão do Congresso Nacional do Povo permitiu o amplo debate de inúmeras ideias revisionistas que se vinham difundindo na China, em particular o desmascaramento de teses direitistas, que prejudicavam seriamente a construção socialista. Dentre elas destacam-se: a de que não mais existem contradições na sociedade chinesa; de que desapareceu a luta de classes entre a burguesia e o proletariado; já não é mais necessária a direção do Partido Comunista; o lucro obtido pelos capitalistas não é exploração e a taxa fixa que hoje recebem deve ser concedida durante mais 20 anos; a ditadura democrático-popular deve ser suprimida, pois não é necessária; não existe na China uma «democracia absoluta» nem liberdade suficiente; não deve haver organizações do Partido nos órgãos estatais, nem se deve fazer recrutamento de novos membros entre os intelectuais etc. etc.

Foi desvendado perante o Congresso um plano para organizar um partido de vários milhões de intelectuais, a fim de lutar pela direção, na China. Quem o fez foi o professor Li Ta, presidente da Universidade de Wuhan. Seus inspiradores entre os direitistas eram Chiang Po-chun, Lo Lung-chi, vice-presidente da Liga Democrática, que atacava hoje toda a teoria e a política comunista como um dogma. Quando o Partido Comunista lançou a campanha pela melhoria de seus estilos de trabalho, em maio, Chang Po-chun e Lo Lung-chi orientaram os membros da Liga Democrática para que atacassem o Partido Comunista.

Os jornais «Diário de Kwangming», de Pequim e «Wen Wei Pao» de Shangai estavam sob controle dos direitistas e eram usados para organizar reuniões, nas principais cidades, com o objetivo de incitar os intelectuais a manifestações de desagrado. Dessa forma, pensavam os direitistas exercer pressão para fazer chantagem com o Partido Comunista, mas a cação foi seguida da reação, disse o professor Li Ta. Os operários e camponeses e os estudantes pró-socialistas responderam à altura de seu ataque e os direitistas ficaram isolados.

Os direitistas tentaram usar a política de livre comércio nas artes e nas ciências como máscara para atacar o Partido Comunista. Exageraram cada pequena falha, zombavam dos êxitos; combatiam a direção do Partido Comunista e exigiam um governo de coalizão e propunham a democracia capitalista, no invés da socialista. Combatiam o socialismo e tentaram minar a democracia sino-soviética. Tentaram criar um «Conselho de Planificação Política» e um «Comitê de Reabilitação», fora e por cima do Congresso Nacional do Povo. Visavam com isso tirar o poder estatal da vanguarda da classe operária, da direção do Partido Comunista.

Progridem as Cooperativas Agrícolas Chinesas

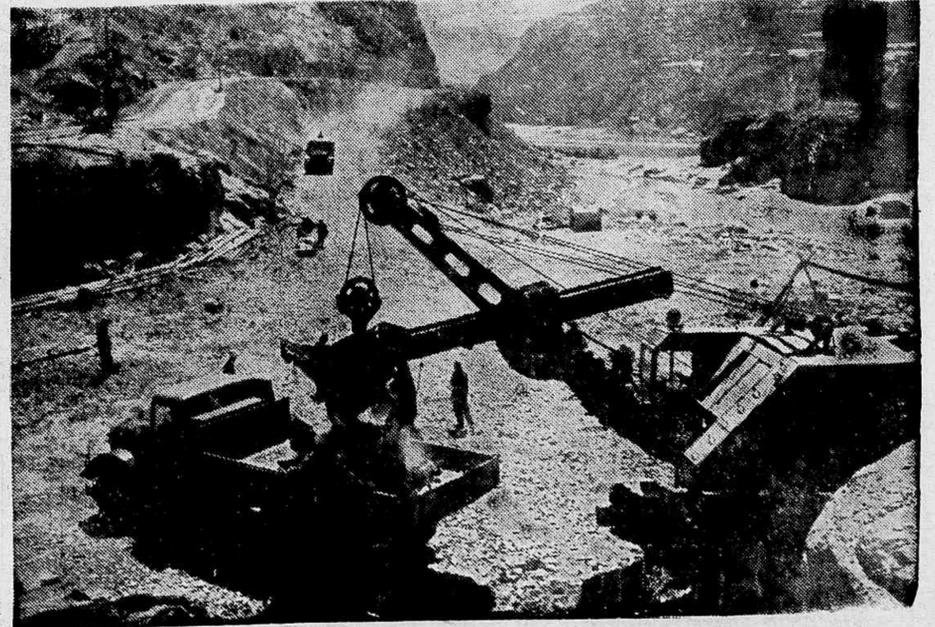
Sete deputados camponeses fizeram uma declaração conjunta apontando alguns dos êxitos obtidos em suas cooperativas. Seu objetivo era refutar a propaganda que hoje circula contra o socialismo, por parte dos elementos direitistas.

No ano passado, depois que a cooperativa «Outubro revolucionário» tornou-se inteiramente socialista, a produção por hectare aumentou em 31%. Numas outras cooperativas apesar da seca rigorosa, a colheita foi enorme, graças aos esforços conjuntos. O

pagamento do dia de trabalho para os seus membros, foi dobrado. Na Cooperativa «Pedra Vermelha», cada família pôde consumir 50 kg. de porco, em 1956, muito mais que em qualquer época. Nas cooperativas foram instalados sistemas de alto-falantes, para irradiar notícias e música. Parques infantis, bibliotecas, grupos teatrais e clínicas existem em todas elas.

«Sem a cooperação essas grandes realizações seriam inteiramente impossíveis», dizia a declaração.

Por toda a China se desenvolvem grandes construções. No clichê, obras preparatórias para a construção de uma barragem.



O crescimento da produção agrícola na China Popular, aumenta de ano para ano, como consequência das transformações das pequenas propriedades individuais, em Cooperativas de caráter socialista.

Na foto vemos, após uma boa colheita, a partida dos camponeses para as festas

Os Trustes comandam a Campanha Contra o "Estatismo"

Há cerca de um mês levanta-se em vários jornais uma campanha contra o chamado «estatismo», ou seja, a intervenção do Estado na vida econômica. De um momento para outro, como se obedecessem à mesma voz de comando, os órgãos da imprensa conhecidos por suas ligações com os monopólios estrangeiros saíram à lida como defensores ardentes da «livre empresa», apontada como vítima inerme do Estado-entreguista. Páginas se abriram para que nelas pontificassem entreguistas notórios como Eugênio Gudín, testa de ferro da Bond and Share; Jânio Quadros, o inimigo da Petrobrás; Lucas Lopes e Roberto Campos, agentes do entreguismo no BNDE, e outros.

É verdade que na campanha têm participado também industriais e comerciantes, líderes de associações representativas da burguesia, a quem não se pode acusar de fazerem o jogo dos trustes. Mas estes foram visivelmente envolvidos num movimento que, sob a bandeira atraente de defesa da liberdade de iniciativa, encobre uma criminoso manobra dos monopólios imperialistas para subjugar a economia nacional.

Alvo da campanha: a Petrobrás

O motivo da deflagração da campanha contra o estatismo foi o ato do governo do sr. Kubitschek, assinado sob pressão da opinião pública, no qual se restabeleceu plenamente o monopólio estatal do petróleo pela Petrobrás. Fracassou assim a tentativa dos trustes de violar a política nacionalista do petróleo através do aumento da capacidade de produção da refinaria de Capuava, ligada à Gulf Oil.

Não podendo liquidar frontalmente a Petrobrás, que o povo brasileiro erigiu em símbolo da soberania nacional e se dispôs a defender por todos os meios, os trustes recorrem a manobras envolventes, servindo-se para isso das refinarias particulares. Derrotados na primeira investida, lançam-se à cruzada contra o estatismo, arvoram-se em campeões da iniciativa privada, buscando confundir a opinião pública e atrair o apoio dos homens de negócios brasileiros para uma causa que significaria afinal o estrangulamento da liberdade de empresa dos capita-

listas nacionais pelos tentáculos gigantes dos trustes ianques.

«O Estado é mau patrão», mas os trustes são piores

Alegam os jornais e os economistas a serviço dos monopólios estrangeiros que «o Estado é um mau patrão» e um gerente incapaz. Aparentam, como exemplo as empresas estatais deficitárias — o Loide, as ferrovias, etc. — para provar que todos os pontos-chave da economia nacional devem ser entregues à iniciativa privada, vale dizer, estes dispõem dos vultosos capitais necessários a empreendimentos dessa envergadura.

Não pretendo defender o sistema de administração das empresas estatais no atual regime. Ninguém mais do que nós tem combatido as suas deficiências, denunciado as negociatas e o esbanjamento do dinheiro público por alguns prepostos do governo. São males inerentes ao regime, que só um governo popular poderá extirpar radical-

Sob a bandeira da «livre empresa», os entreguistas visam abrir caminho ao domínio dos monopólios — A «Petrobrás» e «Volta Redonda» seriam entregues a testas-de-ferro dos americanos — Posição dos comunistas ante a livre empresa e o capitalismo de Estado

mente. O que não exclui a existência de algumas empresas bem administradas e eficientes, do ponto de vista econômico, como é o caso de Volta Redonda.

Mas a administração deficiente das empresas estatais não justifica de modo algum sua entrega aos trustes estrangeiros. Acaso era melhor a situação das estradas de ferro, como a Leopoldina, quando administradas pelos ingleses? A verdade é que estas empresas foram encampadas pelo governo brasileiro quando já estavam quase reduzidas a sucata. Chegaram a tal estado por que os administradores ingleses se interessavam apenas em exportar os lucros para Londres e não em renovar ou ampliar o seu material. Al está também o exemplo da Light que, embora remeta para o exterior dividendos fabulosos e aumente constantemente as tarifas, não ampliou seus serviços à altura das necessidades do desenvolvimento industrial do país.

As empresas controladas pelos trustes podem ser bem administradas e lucrativas. Mas quem se beneficia dessa administração e desses lucros não é o povo brasileiro, por elas exploradas, e sim um punhado de magnatas estrangeiros.

«Petrobrás, sem monopólio estatal — lema dos trustes

Mais sutil, e talvez mais perigosa, é a tática do grupo entreguista que procura estabelecer uma diferença absoluta e válida para todos os casos entre «nacionalismo» e «estatismo». Nacionalismo é sim, mas apenas à base da iniciativa privada — tal é a palavra-de-ordem lançada pelo «Jornal do Comércio», ligado ao Banco Moreira Salles e, portanto, ao grupo Rockefeller. E o entreguista Jânio Quadros concretizou ainda melhor este lema do pseudo-nacionalismo udenista, ao declarar-se em sua entrevista: «Pela Petrobrás, mas contra o monopólio estatal».

Realmente, não seria justo identificar de modo absoluto o nacionalismo com o monopólio estatal. Nacionalistas são também os industriais e comerciantes brasileiros que procuram expandir seus negócios e entram em conflito com os trustes estrangeiros. Nacionalista foi Delmiro Gouveia. Nacionalista é Ermírio de Moraes. São nacionalistas e, ao mesmo tempo, homens da iniciativa privada. Considerar como nacionalistas apenas os partidários do monopólio estatal, em todos os casos, seria um erro grosseiro capaz de afastar da frente única nacionalista numerosos patriotas das fileiras da burguesia.

Mas não é esta distinção, límpida e compreensível, que serve de base aos pronunciamentos de Jânio Quadros e do «Jornal do Comércio». O que eles visam, fazendo eco a um ardil propagandístico dos trustes, é contrapor o nacionalismo ao monopólio estatal. Querem negar o fato evidente de que, em certos casos, o monopólio estatal se identifica indissolúvelmente com o nacionalismo. E este é precisamente o caso do petróleo. A experiência de todos os países já demonstrou que a exploração do petróleo adquiriu um caráter monopolístico. Ou o Estado chama a si a extração e a industrialização do compostível, até mesmo o de empresas nacionais independentes.

«Petrobrás, sem monopólio estatal» significaria a competição da Petrobrás, sem o amparo do Estado, com poderosos trustes do tipo da Standard ou da Gulf. Desta concorrência desigual só poderia resultar a falência e a liquidação da empresa nacional, para gáudio dos entreguistas como Jânio Quadros, Juarez Távora e Santiago Dantas.

A «desestatização» da economia

Propõem finalmente os novos paladinos da livre empresa a «desestatização» da economia, isto é, a entrega das empresas pertencentes ao Estado à iniciativa privada.

O sr. Roberto Campos formula estas idéias da tese de «Estado pioneiro». Segundo diz, o Estado deve realizar grandes investimentos em em-



Sob o pretexto de luta contra a intervenção estatal, os agentes do imperialismo querem entregar a «Petrobrás» à livre iniciativa... dos trustes petrolíferos ianques

presas que só se tornam lucrativas após um longo período, pois o capital privado não tem capacidade para tais empreendimentos. Só o Estado pôde também, dispondo do poder tributário, concentrar recursos para investimentos de grande vulto, que estão fora do alcance das empresas particulares. Mas, depois de criar as empresas e torná-las lucrativas, o Estado deve transferi-las à iniciativa privada. A que tipo de empresas privadas? Afirma o sr. Lucas Lopes, outro dos diretores do BNDE:

«A grupos econômicos abertos, a empresas sem dono, a companhia de multidões de acionistas ainda raras entre nós».

Não podem ser mais claros os arautos do entreguismo. O Estado, em sua opinião, deve criar grandes empresas com o dinheiro do povo, sustentá-las com verbas do orçamento enquanto forem deficitárias e, ao se tornarem lucrativas, entregá-las à voracidade dos monopólios ianques. Sim, porque

Papel progressista do capitalismo de Estado

Defendendo a liberdade de iniciativa para o capital privado brasileiro, os comunistas reconhecem simultaneamente a função progressista que o capitalismo de Estado desempenha nas condições de nosso país.

Os empreendimentos sob a forma de capitalismo de Estado são necessários ao desenvolvimento econômico de países atrasados, onde a acumulação capitalista é insuficiente para a realização de grandes investimentos na indústria pesada e nos serviços públicos fundamentais. Para a criação de grandes usinas siderúrgicas, ferrovias, portos, empresas de navegação, etc., são indispensáveis capitais avultados. Ou tais empreendimentos são entregues aos monopólios estrangeiros, com resultados comprometedores para a soberania nacional, ou são executados pelo Estado. O exemplo de Volta Redonda e da Petrobrás, entre outros, dispensam maiores argumentos para provar a necessidade da intervenção do Estado no desenvolvimento da economia nacional.

A campanha contra o chamado «estatismo» não passa, portanto, de mais uma ofensiva de propaganda dos trustes americanos para obrigar o governo do sr. Kubitschek a uma capitulação total, em particular, ao abandono da política nacionalista do petróleo. Uma série de atos entreguistas e de vacilações do governo, desde a cessão de Fernando de Noronha até a concessão, depois revogada, à refinaria de Capuava, demonstram que há poderosos setores governamentais inclinados a tudo ceder aos imperialistas. Somente uma forte ação de massas poderá derrotar os planos dos inimigos da independência nacional.

A POSIÇÃO DOS PATRIOTAS BRASILEIROS NA DISPUTA SOBRE O PETRÓLEO BOLIVIANO

Está em curso uma aguda controvérsia entre os governos do Brasil e da Bolívia em torno da concessão de jazidas petrolíferas bolivianas, feita através de um tratado como pagamento das despesas de cerca de dois bilhões de cruzeiros realizados pelo governo brasileiro na construção de estrada de ferro que liga os dois países.

Pretende o governo boliviano revogar a concessão, e a isso se opõe o governo do Sr. Kubitschek, que enviou uma delegação a La Paz, e já foi acusado de exercer intolerável pressão no sentido da manutenção do tratado e consequentemente da concessão de petróleo.

O movimento democrático e patriótico boliviano denuncia como inaceitável para a soberania de seu país a tese de que o tratado tenha de ser cumprido porque a ele se obrigou um anterior governo boliviano. Alguns setores do movimento nacionalista brasileiro e alguns defensores da Petrobrás afirmam que o governo Suazo pretende retirar a concessão para entregar as ricas jazidas aos trustes americanos de petróleo, como consequência, aliás, do abandono da política nacionalista que o levou ao poder e sua completa rendição ao imperialismo ianque.

Na verdade, tanto o governo Suazo como o governo Kubitschek têm em vista interessar os trustes ianques na exploração

da disputada área objeto da concessão. Não sendo jazidas em território brasileiro, estão fora do monopólio estatal e já foram anunciadas os planos de grupos de capitalistas «brasileiros» para explorar a área associados a capitais estrangeiros (trustes). Não devem portanto os planos entreguistas dos dois governos servir de argumento e muito menos de orientação para os democratas e patriotas brasileiros que atualmente unem suas forças e sua ação no pujante movimento nacionalista que se estende por todo o país.

A posição justa, que é determinada pelos princípios básicos de defesa da soberania e da independência nacional dos povos latino-americanos, como de todos os povos oprimidos, contra o seu opressor comum, o imperialismo norte-americano, — é a denúncia de nossos povos na luta que é de todos, é a de fortalecimento dos laços existentes entre os vários movimentos democráticos pela independência nacional dos países da América Latina.

No caso presente, a disputa entre os grupos competidores (testas de ferro dos trustes), que estão por detrás dos governos de Suazo e de Kubitschek, está servindo para debilitar tais laços.

Os democratas e patriotas brasileiros devem lutar para que o petróleo da Bolívia seja dos bolivianos, por força do mesmo sagrado princípio que

defendem, de que o petróleo do Brasil é dos brasileiros. E pela mesma razão que os leva à luta pela anulação de inúmeros tratados lesivos dos interesses nacionais, devem defender o direito do povo boliviano de não reconhecer qualquer alienação de suas ricas jazidas, seja em favor dos trustes ianques seja em favor do governo brasileiro. Quaisquer tratados assinados pelos governos de países dependentes, lesivos de sua soberania, não devem obrigar seus povos mas devem ser alvo das ações patrióticas por sua denúncia e anulação. Especialmente, em matéria de concessões petrolíferas, deve ser sempre apoiada e sustentada a soberania facultada de denúncia e consequente revogação.

Que seja respeitada a soberania boliviana de dispor livremente de suas jazidas petrolíferas. Tal a posição dos patriotas e democratas brasileiros, que conduzirá à união com a luta do povo boliviano e facilitará o fortalecimento de nossos laços com o conjunto do movimento de independência nacional dos povos latino-americanos. O fortalecimento dessa união contribuirá decisivamente para a denúncia de todos os tratados imperialistas que oprimem nossos povos, inclusive para rasgar qualquer concessão aos trustes que acaso for feita pelo governo boliviano tendo por objeto a área disputada.

Exigem Têxteis Paulistas o Mínimo de Cr \$ 5.365,00

Reuniram-se na capital de São Paulo representantes dos trabalhadores têxteis de todo o Estado — Importantes resoluções aprovadas na assembléia do dia 14 — Aumento de 45%, com o mínimo de Cr\$ 1.665,00

Os trabalhadores têxteis de todo o Estado de São Paulo acabam de realizar magnífica demonstração de unidade, com a realização de uma assembléia no dia 14 do corrente, da qual participaram 28 Sindicatos, além da Federação e do Sindicato dos Mestres e Contramestres do Fiação e Tecelagem. Estavam representados 205 mil trabalhadores. Intensa preparação foi feita entre os trabalhadores, para essa importante reunião. Comandos de dirigentes sindicais realizaram-se nas fábricas, diariamente, visando esclarecer os operários sobre as finalidades da assembléia. Como resultado disso, o amplo salão do Cine Brás, na capital paulista, local onde se realizou o encontro de operários têxteis, ficou inteiramente lotado. Era de mais de 1.000 o número de trabalhadores presentes.

Participaram também da reunião líderes sindicais de outras categorias profissio-

nais, que ali foram levar seu apoio à luta a ser iniciada pelos têxteis, além de vários deputados e vereadores. A principal resolução aprovada pela assembléia foi a de lutar pela conquista de 45% de aumento de salários, com um mínimo de Cr\$ 1.665,00, sem teto e sem a cláusula da assiduidade.

Além de representantes da própria cidade de São Paulo, estavam presentes delegados de Sorocaba, Taubaté, Ribeirão Preto, Atibaia, Jundiá, Jacaré, Mogi das Cruzes, Americana, São Caetano do Sul, Santo André, São Bernardo, São José dos Campos, Itu, Suzano, Tatuí, Salto e Bragança Paulista.

MARÍTIMOS, FERROVIÁRIOS E PORTUÁRIOS ELABORAM PACTO DE UNIDADE

Importante iniciativa acabam de tomar os marítimos, portuários e ferroviários. Reunidos na sede da Federação dos Marítimos, na capital da República, comissões de portuários, marítimos e ferroviários discutiram as medidas a tomar, a fim de impedir a entrega do Lóide,

da Costeira, de ferrovias e portos brasileiros a trustes estrangeiros.

Aumenta a investida contra o chamado «estatismo», através de jornais, rádio-emissoras e até mesmo estações de televisão, sob a falsa alegação de que os investimentos do Estado impedem o desenvolvimento da livre iniciativa, acompanhada de uma campanha de desmoralização das empresas administradas por organizações para-estatais. Por outro lado, está iminente a transformação do Lóide da Costeira e de várias administrações de portos em empresas de economia mista, o que possibilitará a penetração de trustes estrangeiros, particularmente norte-americanos.

Naquela reunião, realizada no dia 15 do corrente, decidiram os trabalhadores elaborar um pacto de unidade, para a defesa das organizações estatais nas ferrovias, portos e empresas de navegação. O projeto do pacto de unidade deverá ser submetido a uma grande assembléia conjunta de ferroviários, marítimos e portuários, dentro dos próximos dias.

Um manifesto deverá ser dirigido aos trabalhadores e ao povo brasileiro, por meio do qual será lançado, em bases amplas, uma campanha organizada pelas três importantes categorias profissionais, em defesa de nossa Marinha Mercante, das estradas de ferro e dos portos nacionais.

A Situação na Caixa de Aposentadoria dos Ferroviários

Agostinho Dias de Oliveira

Com a unificação das Caixas de Aposentadorias e Pensões, os ferroviários, aeroviários, tranviários e empregados de serviços públicos, ficaram com seus direitos adquiridos, limitados, em virtude do gozo desses direitos ficar na dependência do arbítrio do Presidente da C.A.P.F.E.S.P., nomeado pelo Presidente da República.

Antes da unificação, o serviço de assistência médica e hospitalar já era deficiente, e após a unificação, com a nomeação do Sr. Luiz Fontenele para Presidente da C.A.P.F.E.S.P., apesar das promessas do governo de que iria melhorar o serviço de previdência e assistência social, estes pioram consideravelmente. Como previram os associados dessa instituição, que jamais deram crédito às promessas governamentais, falta uma assistência médica mais regular, atrasa-se os pagamentos mensais aos aposentados e pensionistas. Tudo isso acontece depois que o gozo dos direitos ficou sob a dependência do Presidente dessa instituição.

Com a convocação das eleições para delegados eleitores, a fim de eleger os membros do Conselho Deliberativo da C.A.P.F.E.S.P., renasceu uma tênue esperança nos assegurados ativos e inativos dessa instituição, esperança que logo após as eleições do referido Conselho desaparece em virtude do mesmo não ter sido instalado com a presteza que se fazia esperar. Quando se instalou, não iniciou as suas atividades resolvendo os problemas dependentes de sua alçada, tais como o reajustamento das aposentadorias e pensões. Desde a aprovação da Lei Nº 1.765 de 1952 que as instituições de previdência social estão autorizadas a reajustar os proventos de seus assegurados, em vista do alto custo de vida, equiparando-se assim com o aumento que foi proporcionado aos trabalhadores ativos com o salário mínimo.

Mas o que vem acontecendo é que o Conselho deliberativo da C.A.P.F.E.S.P. sofre dura pressão em sua autonomia. As suas deliberações não são levadas à prática pelo Presidente da Instituição, Sr. Luiz Fontenele, que as arquiva, ou protela indefinidamente, tendo para isso carta branca dada pelo seu predecessor, Sr. Café Filho, que o nomeou por 4 anos Presidente da Caixa. Neste cargo espera perpetuar-se, senão houver uma reação contra os seus desmandos, pelos assegurados, a fim de fazê-lo submeter-se às deliberações do Conselho e do D.N.P.S.

Para ilustrar a má vontade que tem o Presidente da C.A.P.F.E.S.P. para com os assegurados dessa instituição, passamos a narrar o seguinte: Há mais de 8 anos que não vem a Carteira de Empréstimos atenuando aos assegurados. Tendo o Conselho Deliberativo votado para o exercício de 1957 uma verba de Cr\$ 80.000.000,00 para esse fim, as informações do Presidente foram de tal forma enganosas que o D.N.P.S., ao registrar a referida verba, reduziu-a para Cr\$ 30.000.000,00 quantia irrisória para o fim a que se destina. Mas o Sr. Luiz Fontenele, Presidente da C.A.P.F.E.S.P., ainda não ficou satisfeito com a redução de verba. Achou por bem fazer nova representação contra um direito dos assegurados, desta feita ao Conselho Deliberativo, visando a transferir a citada verba para a Carteira Imobiliária sob a alegação de que os empréstimos simples

estavam sendo concedidos a quase todos os assegurados dessa instituição pela Caixa Econômica Federal. Não desconhece o Sr. Luiz Fontenele que a Carteira de Empréstimos é regida por um decreto governamental o qual em seu Art. 24 diz o seguinte: «As Carteiras que apresentarem prejuízos em 2 (dois) exercícios consecutivos, suspenderão os empréstimos até ulterior deliberação do C.N. do Trabalho (atual D.N.P.S.) sob pena de responsabilidade de seus administradores». O que deseja o atual Presidente da C.A.P.F.E.S.P., Sr. Luiz Fontenele, é a liquidação da Carteira de Empréstimos, porque esta beneficia grande número de assegurados em suas aperturas. Esta Carteira está paralisada, sem operar há mais de dois anos, e se não funcionar fazendo empréstimos no ano em curso, serão suspensos os empréstimos, como é de seu desejo. A referida Carteira só vem realizando o arrecadamento dos empréstimos anteriores concedidos, acarretando esse funcionamento parcial grandes prejuízos. Se for vitoriosa a tese do Sr. Luiz Fontenele, no próximo ano completará dois exercícios com prejuízos e como preceitua o art. 24, haverá suspensão de seu funcionamento.

Os ferroviários e demais assegurados pela C.A.P.F.E.S.P., diante dessa situação precisam lutar por todos os meios contra a atual administração da C.A.P.F.E.S.P. que tem como Presidente o Sr. Luiz Fontenele. Este se arvora em autoridade absoluta e não presta contas de seus atos arbitrários nem ao Conselho Deliberativo, nem ao D.N.P.S., por ter sido nomeado por um governo golpista e antioperário como foi o do Sr. Café Filho, nomeação que tinha por fim desvirtuar a finalidade dessa instituição, oprimindo uma numerosa coletividade que tanto lutou a fim de conseguir uma instituição de previdência e assistência social. Quando esta era administrada pelos representantes legítimos da classe, foi considerada «modelar instituição», pois nessa época a ingerência do governo era somente no sentido de «fiscalizar», arrecadando grande porcentagem da renda bruta para essa «fiscalização».

O Conselho Deliberativo da C.A.P.F.E.S.P., assim como os representantes dos empregados, precisam do apoio dos assegurados para fazer cumprir as suas deliberações, pois, do contrário, o Conselho e os representantes dos empregados jamais cumprirão a missão que lhes foi confiada. O Presidente da C.A.P.F.E.S.P. continua na atual administração para usufruir proventos, sem satisfazer as mínimas condições exigidas para semelhantes funções, e tudo vem fazendo no sentido de continuar no cargo mesmo depois do término de seu prazo, tratando de ser reconduzido no próximo ano.

Os associados da C.A.P.F.E.S.P. sabem tomar as medidas que se fazem necessárias a fim de se verem livres de tão nefasto administrador, para que essa instituição inicie o cumprimento de suas finalidades em benefício de seus associados. Precisamos denunciar as irregularidades que vêm ocorrendo nessa instituição, a fim de que os poderes competentes e o povo fiquem sabendo quem são os responsáveis pelo descalabro que reina na C.A.P.F.E.S.P., a fim de poder julgar o seu Presidente, Sr. Luiz Fontenele, o qual procura responsabilizar pelos seus desmandos o Conselho Deliberativo dessa instituição.

Protestam os Ferroviários da SANTOS-JUNDIAI CONTRA A TRANSFERENCIA

Reunidos em assembléia geral extraordinária, convocada por seu Sindicato, os ferroviários da Santos-Jundiá discutiram importantes questões: transferência do pessoal da EFSJ para outras ferrovias; reestruturação do quadro de empregados da Santos-Jundiá; defesa da lei da estabilidade no emprego e a situação dos aposentados.

Manifestam-se os trabalhadores contra a transferência do pessoal da EFSJ para outras ferrovias — isto ocorreu recentemente, quando quatro ferroviários foram enviados para a Central do Brasil, com surpresa do Sindicato. Este já impetrou mandado de segurança em favor dos trabalhadores, uma vez que a Central não pertence ao contrato de trabalho do pessoal da Santos-Jundiá. Foi desmascarado na assembléia o verdadeiro objetivo dessas transferências, por parte da administração: perseguir os ferroviários mais combativos, aqueles que se têm destacado na luta em defesa das reivindicações da classe.

Provocou acalorados debates a questão da estabilidade, agora ameaçada. Foi veemente a repulsa de todos os ferroviários presentes, às manobras que vêm fazendo os patrões, contra esse direito há tantos anos conquistado pelos trabalhadores.

Após a discussão de todos os pontos, foi organizada uma comissão para a reestruturação do quadro de empregados da ferrovia e várias sugestões apresentadas, foram aceitas. Entre elas inclui-se um voto de repulsa à transferência dos 4 ferroviários; a manutenção da assembléia em caráter permanente; a destituição do atual Coordenador do Transporte, Sr. João Malta de Oliveira, responsável por aquelas transferências. Um voto de protesto pelo atraso no pagamento aos aposentados foi também aprovado pelos presentes.

Dessa maneira, os ferroviários paulistas manter-se-ão vigilantes para impedir que novas transferências se realizem, em prejuízo de seus interesses.



EM MARCHA A LUTA DOS BANCÁRIOS — Milhares de bancários compareceram no dia 12 do corrente à concentração em frente ao Ministério do Trabalho. Fizeram entrega ao Ministro Parisval Barroso do memorial em que solicitam a convocação de uma mesa-redonda nacional entre bancários e banqueiros. Carregando grande quantidade de faixas e cartazes, nos quais estavam traduzidas as suas reivindicações, os trabalhadores desfilarão pelas ruas do centro do Rio de Janeiro.

No dia 22: ENTRARÃO EM GREVE

OS METALÚRGICOS CARIOCAS

Diante de uma assistência de mais de mil metalúrgicos, e logo após a solenidade de posse da nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos, Mecânicos e do Material Elétrico, era declarada a greve de protesto da categoria profissional, pela não concessão do aumento salarial pleiteado. Zero hora do próximo dia 22 de julho foi o momento marcado para o início do movimento grevista.

Essa decisão dos metalúrgicos resultou da atitude intransigente revelada pelos patrões, recusando-se a pagar o aumento pedido pelos trabalhadores, há vários meses. Ao contrário dos 45% reivindicado ofereceram os patrões um aumento de apenas 26%, que foi recusado pela assembléia sindical. Prepararam-se agora os me-

talúrgicos para conquistar através da greve, já que foram esgotados todos os outros recursos, um pouco mais de dinheiro, para enfrentar a carestia de vida crescente. Numa assembléia a realizar-se no próximo dia 19, será eleito o Comitê de Greve e os componentes das comissões coordenadoras dos movimentos transporte, manutenção e esclarecimento.

O êxito da greve dependerá de sua boa preparação, sendo um fator decisivo a propagação e o esclarecimento em cada local de trabalho. A solidariedade das demais categorias profissionais dos trabalhadores cariocas aos 60.000 metalúrgicos, contribuirá também em grande medida para a conquista mais rápida da reivindicação por que lutam.

Aumenta o bem-estar dos Camponeses Soviéticos

FOI publicada uma resolução do Comitê Central do Partido Comunista e do Conselho de Ministros da URSS sobre a abolição das entregas obrigatórias de produtos agrícolas ao Estado, pelas economias pessoais dos colcosianos, operários e empregados.

Na resolução se indica que a solução das tarefas da industrialização do país permitiu apetrechar a agricultura socialista com potente e moderna maquinária. Atualmente, nos campos dos colcosos e sovcosos da União Soviética, funcionam mais de 1 milhão e 500 mil tratores, cerca de 380 mil máquinas colhedoras-debulhadoras, milhões de máquinas de outros tipos. A ampla mecanização dos trabalhos agrícolas permitiu suavizar, sensivelmente, o trabalho dos colcosianos, dos trabalhadores dos parques de máquinas agrícolas e tratores e dos sovcosos, e elevar seu rendimento.

O regime colcosiano, guiado segundo o plano cooperativo leninista, transformou radicalmente as bases da produção e do modo de vida de dezenas de milhões de camponeses. Sobre novos princípios socialistas se abriu amplo caminho para uma vida acomodada e culta a todos os trabalhadores do campo soviético. Agora, a maioria dos colcosos são fazendas desenvolvidas em todos os aspectos; se fortaleceram economicamente e acumularam grandes riquezas. Em 1956, a receita em dinheiro dos colcosos quase duplicou em relação ao ano de 1953. A riqueza coletiva dos colcosos se converteu numa firme base da vida dos camponeses e do aumento do seu bem-estar material.

A resolução do Partido Comunista e do governo soviéticos indica que no ascenso da agricultura teve grande importância o aproveitamento das terras virgens, o aumento dos preços dos aprovisionamentos e as compras dos produtos agrícolas. Tudo isso permitiu ampliar consideravelmente a área de semeadura e aumentar verticalmente a produção de cereais e outros cultivos agrícolas. O país soviético nunca havia colhido tanto grão como no ano passado. Cresceu também a colheita de algodão, beterraba açucareira, batatas, girasol e outros cultivos. Aumentou o número de cabeça de gado e se elevou o seu rendimento de leite. Nos últimos anos milhares de colcosos e sovcosos duplicaram — em muitas fazendas chegou mesmo a triplicar — a produção de leite e carne. O aumento da produção colcosiana e sovcosiana e o aumento, por esta razão, do volume dos aprovisionamentos dos produtos agrícolas, diz a resolução, permitiram ao Estado, já em 1953, diminuir sensivelmente as entregas obrigatórias de produtos agrícolas das economias pessoais dos colcosianos, operários e empregados e, agora, existe a possibilidade de excluir totalmente estas economias da entrega obrigatória ao Estado de todos os produtos agropecuários, o que irá melhorar o bem-estar material dos camponeses colcosianos, dos operários e empregados soviéticos. Estas entregas serão abolidas a partir de 1 de janeiro de 1958.

O Partido Comunista e o governo soviéticos assinalam com satisfação que a tarefa colocada para alcançar nos próximos anos os Estados Unidos na produção agropecuária por cada habitante, encontrou o apoio e a aprovação de todo o povo soviético. Está fora de dúvida que esta tarefa será cumprida.

EM SÃO PAULO

Trabalhadores das Usinas de Açúcar Reivindicam Aumento de Salário

Trabalhadores na indústria do açúcar e na lavoura canavieira de São Paulo, empenham-se, agora, em luta por aumento de salário. A frente dessa luta se colocou, a Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação do Estado de São Paulo. Nesse sentido, foi enviado pela Federação, ao Sindicato da Indústria de Açúcar, um ofício, pleiteando aumento geral de salário e sollicitando providências para evitar o atraso nos pagamentos dos salários; o não pagamento do adicional noturno e da sobretaxa das horas extras; sonegação das contribuições do IAPI e do Imposto sindical; transferência ilegal de trabalhadores da lavoura para a indústria; desrespeito à lei do salário-mínimo, etc.

NÃO SATISFAZ A RESPOSTA DOS USINEIROS

A maneira como reagiram os usineiros indica que os trabalhadores das usinas de açúcar têm que ser mais enérgicos na sua luta reivindicatória. Os patrões não só negaram a existência das irregularidades apontadas no ofício da Federação, como disseram não ser possível qualquer aumento de salário.

Tal resposta levou a que a Federação se dirigisse imediatamente à Delegacia Regional do Trabalho, comunicando que, caso não sejam atendidas as reivindicações

Ameaçam entrar em greve de advertência, se os usineiros se recusarem a dar o aumento — A frente da luta está a Federação dos Trabalhadores em Alimentação — Lucros confessados das usinas

dos trabalhadores, será declarada uma greve de advertência nas usinas de açúcar.

GRANDES LUCROS DOS USINEIROS

Os usineiros paulistas são insaciáveis na sua febre de lucros. Para atingir esse objetivo eles não recuam nem diante da miséria por que atravessam os assalariados agrícolas e operários da indústria açucareira. Enquanto os trabalhadores têm que



Faltam Crédito e Sementes Para os Lavradores de Palmeira dos Índios

Palmeira dos Índios, no interior do Estado de Alagoas, sofre as conseqüências da politicagem e do "coronelato", como geralmente acontece no interior nordestino. Aquele município possui cerca de 3.000 propriedades agropecuárias, tornando-se assim, num dos municípios alagoanos onde é maior o número de pequenas propriedades. O grosso da produção em Palmeira dos Índios é o algodão, mas é calamitosa a situação em que se encontram os agricultores, por falta de crédito e ajuda técnica do governo.

O «fomento» da politicagem

Existe no município um posto de Fomento Agrícola, subordinado ao Ministério da Agricultura. Este posto possui sementes selecionadas, mas, elas não chegam para os pequenos produtores. O critério para a distribuição dessas sementes é o mais absurdo que se possa imaginar. Só aqueles lavradores que possuam propriedade registrada e com mais de 50 tarefas podem receber tais sementes.

Ficam assim os pequenos proprietários impedidos de recebê-las, tendo que comprar, ao preço de 90 ou 100 cruzeiros cada arroba, sementes da pior qualidade. Se o lavrador não tem dinheiro para comprá-las, tem que se sujeitar a ir até às portas do Fomento, implorar 3 ou 4 quilos das preciosas sementes. É aí onde começa o verdadeiro calvário dos lavradores que, para começar, têm que perder dias de trabalho e sofrer vexames e humilhações sem conta.

O pior é que só recebe qualquer benefício do Fomento

Uma Instituição pública monopolizada por políticos — Só a organização e a luta pode mudar a situação dos pequenos lavradores

quem tiver cartão do filho do deputado Humberto Mendes. Dêsse modo, o posto de Fomento Agrícola é monopolizado por "coronéis" e transformado em "fomento" de votos e da politicagem.

campo e ver que um patri-monio do povo não pode ser vir aos caprichos de políticos e latifundiários.

Tratores e arados só em sonho

Se algum lavrador deseja arar seu pequeno troço de terra, tem que desembolsar 150 a 200 cruzeiros para cada tarefa arada. Porém, para os grandes proprietários e para os amigos do "coronel", são fornecidos tratores, arados, etc.

O Ministro do Trabalho deve voltar as suas vistas para estas injustiças ao homem de



Por outro lado, é importante que os lavradores compreendam que sem a sua organização para exigir do governo estas pequenas coisas, que são indispensáveis para sua existência, dificilmente melhorarão suas condições de vida e estarão sempre sujeitos aos políticos e "coronéis".

MAIS UMA CONQUISTA DOS LAVRADORES DA FAZENDA «Galiléia» EM PERNAMBUCO

Os lavradores da Fazenda Galiléia, no município de Vitória de Santo Antão, no interior pernambucano, há anos vêm lutando duramente para impedir que sejam despejados das terras em que trabalham. São centenas de trabalhadores radicados naquela região fértil do Estado. Inúmeras tentativas têm sido feitas pelos grandes fazendeiros para se apoderarem dessas terras. Até a polícia, tanto a local como do Recife, tem sido utilizada para expulsar os lavradores da «Galiléia».

Não obstante todas essas investidas, os lavradores souberam sempre repelir todos os assaltos e manter-se na terra. Estas vitórias alcançadas pelos trabalhadores da Fazenda Galiléia não foram fruto do acaso. Elas têm sido possíveis porque os lavradores mantiveram-se unidos e organizados.

Desde os primeiros instantes em que se intensificou a reação dos grandes fazendeiros de Vitória de Santo Antão contra a sua permanência na terra, os lavradores organizaram a sua associação e nela forjaram sua unidade a tal ponto que hoje centenas de trabalhadores com seus parentes atuam como uma só família.

APOIO DA OPINIÃO PÚBLICA

A luta sustentada pelos lavradores da Fazenda Galiléia conta com o apoio da opinião pública não só da cidade de Vitória como também de grande parte da população do Recife, onde já são bastante conhecidas pelo noticiário da imprensa, particularmente nos períodos de maior dureza dessa luta.

Por outro lado, os lavradores procuram se apoiar no Parlamento para se defender das agressões e levantar suas reivindicações. Isso levou a que, nos primeiros dias deste mês o Deputado Estadual Francisco Julião apresentasse na Assembléia Legislativa do Estado, um projeto mandando desapropriar a Fazenda Galiléia, e seu posterior loteamento para serem vendidos lotes aos seus atuais ocupantes. A aprovação desse projeto exige que em favor dos lavradores da «Galiléia» se mobilizem todos os trabalhadores rurais de Vitória e adjacências, bem como as organizações operárias, que devem ajudar os seus irmãos do campo.

VOZ OPERÁRIA

Diretor-Responsável

Mário Alves

MATRIZ:

Av. Rio Branco, 257, 17º and., s/ 1.712 - Tel. 42-7344

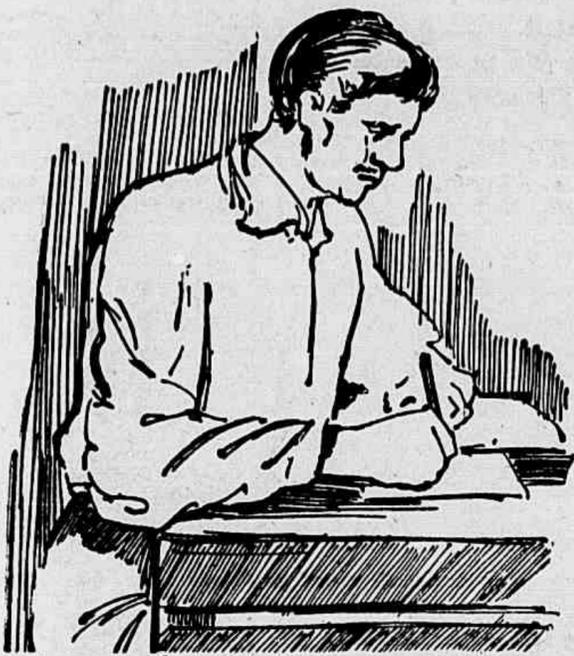
ASSINATURAS:

Anual	100,00
Semestral	60,00
Trimestral	30,00
Núm. avulso	2,00
Núm. atrasado	3,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte: Preço no R. G. Sul, Sta. Catarina, Paraná, Distrito Federal, São Paulo, E. Santo e Belo Horizonte	2,00
Goias e interior de Amazonas e Territórios	4,00
Outros Estados	3,00
M. Gerais	2,50

SUCURSAIS:

SAO PAULO — Rua dos Estudantes n° 84 s/ 28, 2º and. — Tel. 37-4983
PORTO ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, n° 66, s/ 43.
RECIFE — Rua Floriano Peixoto n° 85 — 3º and. — s/ 326.
FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, n° 1.248 — s/22 — Tel. 1-13-03.
SALVADOR — Rua Barão de Cotegipe, 67 — Edifício Zacarias, s/ 203 (Calçada)
JOAO PESSOA — Rua Duque de Caxias, 558 — 1º and. — Salas 3 e 4.

★ Correspondência dos Estados ★



ESPÍRITO SANTO

Organizado o Sindicato de Marceneiros e Construção Civil de Colatina

VITÓRIA (Do Correspondente) — Depois de várias demarques, realizou-se com grande êxito a Assembléa de fundação do Sindicato dos Trabalhadores em Serraria, Marcenaria e Construções Civil. A Assembléa teve lugar no dia 1º do corrente, no cine São Silvano, comparecendo mais de 150 trabalhadores.

A reunião contou com a presença e apoio de autoridades municipais, entre as quais, o prefeito, vereadores e o reverendo local. Este, em aplaudido discurso, prometeu empenhar-se junto ao prefeito local para conseguir a doação de um terreno para a construção da sede própria para a nova entidade de classe.

PELA ENCAMPAÇÃO DA CIA. CENTRAL BRASILEIRA

No dia 26 do mês próximo passado, reuniu-se no auditório do Sindicato dos Arrumadores uma Mesa Redonda pro-

movida pela Comissão Central Pró Melhoramentos dos Bairros do Subúrbio de Vitória. Compareceram ao ato mais de uma centena de pessoas, entre as quais encontravam-se Deputados, Vereadores, presidente da Federação do Comércio, líderes sindicais, industriais, jornalistas, etc. Entre os participantes da Mesa Redonda predominou a presença de donas de casa interessadas numa justa solução para o problema de carestia.

Constou do temário da reunião o trimônio. Energia, Transporte e Alimentação. Entretanto o problema da energia foi o centro das discussões. Todas as pesosas que intervieram no debate o fizeram para condenar o procedimento da «Companhia, Central Brasileira», empresa americana, concessionária para o fornecimento de luz, força e transportes na capital capixaba.

Em seu discurso, o Deputa-

Organizado um Sindicato em Colatina — Mesa redonda em Vitória — Pela anulação do ajuste de Fernando de Noronha — Reclamam os estivadores de Santos — Dirigem-se à Câmara Federal, moradores de João Pessoa

do estadual Eurico Rezende mostrou que o objetivo da Cia. não era apenas acumular grandes lucros, mas também impedir o desenvolvimento industrial do Estado. Propôs aquêle parlamentar, que se iniciasse o processo para a encampação do truste imperi-

presentação popular junto aos poderes públicos, contra as empresas americanas.

Após abordar outros aspectos da questão, o parlamentar udenista mostrou a viabilidade da realização de uma greve popular em que o pagamento da energia e luz fosse depositado em Cartório.

RIO GRANDE DO SUL

Pela anulação do "ajuste" de Fernando de Noronha

SAO GABRIEL (Do Correspondente) — Os habitantes deste município não estão indiferentes à luta que se trava nacionalmente em defesa da soberania nacional, ferida com a presença de militares norte-americanos em território brasileiro. Interpretando o sentimento do povo dessa localidade, a Câmara Municipal aprovou uma moção de protesto, já enviada ao Presidente da República, ao Ministro da Guerra e ao Congresso Nacional, contra a instalação de bases militares estrangeiras no nordeste brasileiro.

A classe operária também vem se manifestando através dos seus órgãos de classe. Já se manifestaram os sindicatos dos trabalhadores em Construção Civil e Alimentação, pedindo que o «ajuste» seja discutido pelo Congresso Nacional.

Até o momento, memoriais, telegramas e abaixo-assinados, contendo mais de 750 assinaturas de populares, foram enviados à Câmara Federal, exigindo a anulação do acordo que entregou Fernando de Noronha aos militaristas norte-americanos.

SÃO PAULO

A Sociedade Anônima Martineli não paga aos estivadores

SANTOS (Do correspondente) — Cerca de 30 estivadores estão reclamando da Sociedade Anônima Martineli o pagamento da tonelagem da descarga de pedra efetuada no navio nacional CAHY da Cia. Comércio e Navegação, descarga esta que foi feita no dia 17 de junho e cujo dinheiro os estivadores deviam receber no dia seguinte. Os trabalhadores já reclamaram várias vezes e a agên-

cia da Cia. alega várias desculpas, entre elas de que a pedra ainda não foi pesada, como se os estivadores fossem responsáveis por isso.

Os estivadores devem exigir medidas do sindicato para o recebimento do dinheiro uma vez que a Cia. tem dinheiro para pagar.

O dinheiro da pedra está ficando falado e já corre a piada: «Como é o dinheiro da pedra não vem».

PARAIBA

JOAO PESSOA (Do Correspondente) — Com 31 assinaturas, foi enviado ao Deputado Federal Seixas Dória, o seguinte abaixo-assinado: «Nós abaixo assinados, moradores do bairro da Torrelandia da capital paraibana, vimos por meio deste, apelar para V. S., no sentido de não consentir no retardamento do inquérito referente ao arquipélago de Fernando de Noronha pois é vital importância para a nação que não perdue tal ajuste que fere a nossa soberania, nos leva a uma atitude de franca ameaça aos povos amantes da paz, nos coloca como «zona de guerra» e nos conduz, no caso de conflito internacional, a servir de para-raios de bombas atômicas. É, ainda, uma ameaça à nossa política do petróleo e dos minerais radioativos, uma violação à nossa Constituição.»

DESCONTENTAMENTO NAS DOCAS DE SANTOS

A companhia protela a renovação do contrato coletivo e contrata alcaguetes

A Companhia Docas, desde que readmitiu a seu serviço o Dr. Levi Castex, inaugurou uma série de medidas de cunho fascista que vêm gerando grande descontentamento no seio da classe. Assim é que alguns dos itens do atual contrato de trabalho não vêm sendo cumpridos pela empresa.

A proporção de classe é uma verdadeira aberração, pois só na seção elétrica por exemplo, existem na classe A 16 operários, e na B somente 2. Isto é uma irregularidade, pois o contrato coletivo de trabalho prevê um equilíbrio entre categorias. E é preciso que se diga que, apesar da diferença de classe, é comum um jovem da classe A executar um serviço que corresponde à classe H, que é a mais alta. As condições de trabalho também não são as melhores. Num acidente na torre grande, em que perdeu a vida um jovem pintor, ficou constatado que em setor algum da companhia havia um cinto de segurança.

PROTELADAS AS PROMOÇÕES

Na fundição não existe até hoje uma janela sequer para ventilação, sendo que também na oficina elétrica o problema de janelas para o segundo pavimento nunca teve solução. As bacias dos sanitários são em maior parte desprovidas, não tendo a guarda de madeira tão necessária à preservação de moléstias contagiosas. Passa-se isto tudo apesar da Cia., encher a parede das seções de cartazes contra acidentes e manter faustosamente alguns funcionários na chamada C. I. P. A., (Comissão interna de prevenção de acidentes). As promoções que antes demoravam 1 ano, são agora proteladas de ano para ano sendo que na elétrica fazem 4 anos que as mesmas não são concedidas. A esse respeito corre na referida seção o seguinte boato é que talvez tenha algum cunho de verdade: «Estando o engenheiro chefe construindo uma casa, ocupa diariamente, inclusive aos domingos e feriados, 2 eletricitistas para «serviços gerais». A seção de ajustadores eletricitistas passou um período de um mês trabalhando na confecção de banquetas, ca-

deiras etc., para o referido senhor. Comenta-se que os «ciclardos» que trabalham para o Dr., chefe na próxima promoção não sobram».

CONTRATADOS ALCAGUETES

Vê-se aí que os chefes são, como sempre estiveram, «por cima». e nas medidas onde deve haver critério, o que regula é a vontade dos chefes. Junte-se a tudo isso o seguinte fato. Depois de contratar um homem de idéias retrogradadas para a chefia do farrigerado D. P. (Departamento Pessoal), a companhia contratou um delegado de polícia e alguns alcaguetes para infiltrá-los no meio operário. Que objetiva a companhia? O objetivo é explorar o trabalho de todos os portuários amedrontando os que queiram fazer valer seus direitos.

A Companhia protela positivamente a renovação do contrato coletivo de trabalho e se não houver movimento tendente à sua rápida renovação o ano termina sem que se tenha o novo contrato com novas conquistas. É necessário que todos os portuários dêem seu apoio ao Sindicato nesse sentido.

Crítica à Política Municipal de Nilópolis

Os comunistas do município de Nilópolis, no Estado do Rio, em conclamação assinada pelo seu Comitê de Zona e que está sendo amplamente divulgada, acabam de denunciar ao povo daquele município a política levada a efeito pelo prefeito local, concretizada na criação ilegal do chamado Conselho de Finanças, sinecura para emprego de afilhados.

A conclamação, ao mesmo tempo que faz um apelo aos vereadores fiéis ao mandato popular, para que se oponham a tal política do executivo municipal, chama o povo de Nilópolis para a luta contra o aumento dos impostos, o aumento das passagens de ônibus, a carestia de vida, por calçamento, contra a falta d'água, por melhores transportes e pela conclusão do Hospital local, há muito com suas obras paralisadas.

Lutando por estas reivindicações, acrescenta o documento dos comunistas de Nilópolis, o povo pode impedir a má política administrativa do governo municipal, fazendo com que o dinheiro público reverta em obras que venham beneficiar a população nilopolitana.

O referido documento chama a atenção do povo para apoiar ativamente o movimento nacionalista em defesa dos interesses nacionais ameaçados pelos trustes estrangeiros e os entreguistas nacionais, sobretudo em defesa da soberania nacional, com a anulação do acordo que transformou a ilha de Fernando de Noronha em base de guerra japonesa.

EM JUNDIAPEBA:

Novas Denúncias dos Operários da Fábrica de Papel Celulose Reivindicam instalações sanitárias, vestiários e refeitório — Repercuta na fábrica uma reportagem de VOZ OPERÁRIA

A reportagem publicada no nº 416 desse jornal sobre a Fábrica de Papel Celulose, em Jundiapéba, teve uma enorme repercussão. Essa reportagem vinha denunciando as irregularidades que existem na seção de escolha. Acontece que o chefe da Seção Pessoal, sr. Otacilio e o gerente, fizeram um abaixo assinado desmentindo as denúncias e quiseram obrigar as operárias a assina-lo. As operárias, porém, se recusaram, dizendo que era verdade o que estava escrito no jornal.

Já agora novas denúncias são feitas pelos operários e operárias da Fábrica de Papel Celulose. Naquela fábrica existem apenas 2 mictórios para atender as necessidades de 500 trabalhadores de ambos os sexos. Mas o pior é que estes mictórios estão sempre imundos e não raro perdem-se suas chaves e eles ficam trancados o dia inteiro, criando os piores vexames aos operários, especialmente às operárias.

Outra necessidade premente dentro da empresa é um

vestiário, bem como um refeitório, como manda a legislação trabalhista.

Para se ter uma ideia das más condições de trabalho, na fábrica de papel celulose basta dizer que a água existente para os operários beberem é de um poço que está sempre imundo com as sujeiras da própria fábrica. Os operários saem do trabalho sem tomar banho porque não há água. O que tem de sobra na empresa são os chefes e subchefes para perseguir os trabalhadores.

EM BURCA DE SOLUÇÃO

Os próprios operários já começam a compreender que todos esses problemas podem ter solução, desde que se unam operários e operárias e exijam da direção da empresa, inicialmente, mictórios limpos e em numero suficiente para todos quantos ali trabalham. Depois, bebedouro com água limpa e fria e banheiros para homens e mulheres. Assim, uma a uma, irão conquistando essas pequenas reivindicações, que nunca lhes serão dadas se não lutarem por elas.

A BATALHA DA DIFUSÃO

Na batalha pela maior difusão de VOZ OPERÁRIA, desempenha um importante papel a rede de correspondentes que podemos manter nas cidades, vilas, bairros, locais de trabalho, etc. A correspondência por nós recebida e publicada é um passo positivo para nos aproximarmos dos leitores dos longínquos recantos do país. O que se faz necessário é que estas correspondências sejam regulares, isto é, que nos sejam enviadas todas as semanas ou todas as quinzenas, de modo permanente.

Não é difícil ser correspondente. Não exigimos reportagens feitas. Fazemos questão dos elementos para a reportagem, dos fatos.

O leitor, se não é, pode ser um correspondente de VOZ OPERÁRIA. Faça uma experiência: mande-nos alguns dados sobre problemas de sua cidade, do seu bairro ou do seu local de trabalho e, quando por nós publicados, verifique se o jornal não se tornou mais vendável.

POSTA RESTANTE

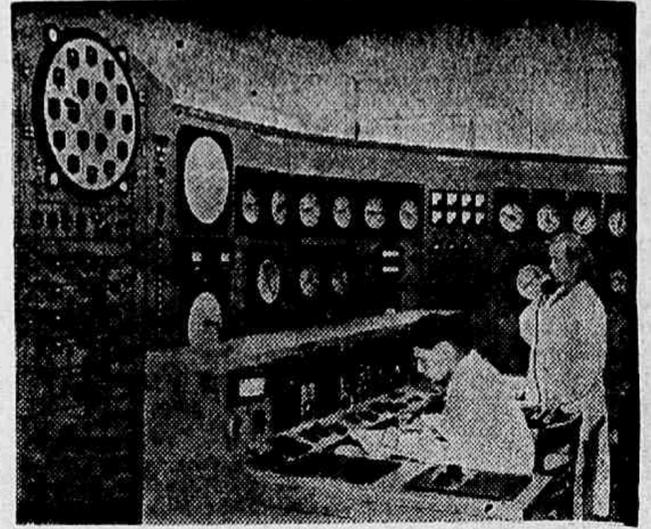
DE SANTOS (S. P.) Do nosso Correspondente recebemos uma nota sobre as atividades do grupo fracionista de Agildo Barata, na qual condena a atividade desses elementos e renova sua confiança na força e na invencibilidade do Partido Comunista.

PARAGUASSU PAULISTA (S. P.) — De Boque S. de Almeida, recebemos um típico sob o título: «Parabéns, Garimpeiros» que deixamos de publicar por fugir um pouco ao caráter deste semanário. Entretanto estamos muito agradecidos. Pedimos que volte a nos escrever.

LONDRINA (PARANÁ) Do Dr. Nery Machado, recebemos cópia de uma palestra por ele realizada em praça pública, sobre a entrega de Fernando de Noronha. Por absoluta falta de espaço, daremos na nossa próxima edição, um resumo da mesma, e lhe enviaremos o número de exemplares pedidos. Agradecemos e retribuímos os votos de felicidades formulados aos companheiros do jornal.

O Desenvolvimento da Energia Atômica na U.R.S.S.

A União Soviética encontra-se na dianteira da pesquisa e utilização da energia atômica para fins pacíficos — Comemora-se o 3º aniversário da primeira usina atômica posta a funcionar no mundo — No centro Atômico de Dubna, onde está instalado o primeiro sincrofasotron, trabalham cientistas de todas as partes do mundo



O painel de controle central da Estação de Energia Atômica

O desenvolvimento da ciência atômica, tanto no campo da pesquisa pura como em suas aplicações, pressupõe como condição indispensável um elevado nível de industrialização e a existência do elemento humano altamente capacitado. É precisamente no domínio da ciência atômica que se afirma de modo evidente o extraordinário desenvolvimento técnico-científico da União Soviética.

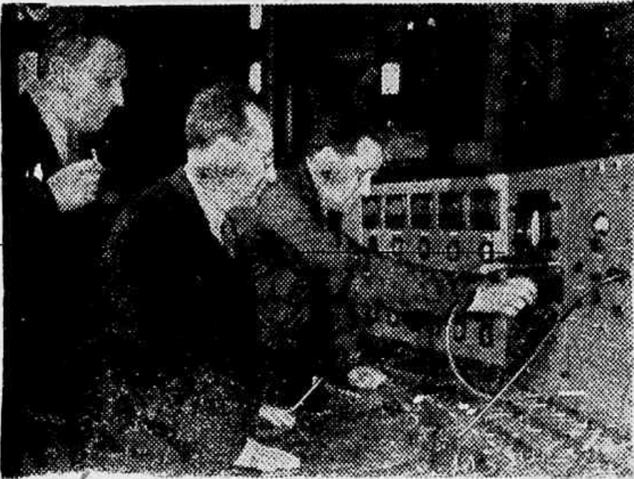
Em agosto de 1955, a delegação da URSS apresentou na Conferência Internacional sobre o Uso Pacífico da Energia Atômica, o plano detalhado da primeira usina atômica-elétrica a ser posta em funcionamento no mundo.

A PRIMEIRA USINA ATÔMICA DO MUNDO

Essa usina produz 30.000 quilowatts de energia, sendo que 5.000 são transformadas em energia elétrica, consu-

watts e de centrais menores a serem instaladas em regiões distantes das fontes de energia.

A URSS tem dedicado especial atenção ao emprego da energia atômica como meio de transporte. Constrói-se atual-



O professor V. Penkhov, diretor do Laboratório de Alta Energia Física, V. Veksler, membro da Academia de Ciências da URSS e Diretor do Laboratório e L. Zinoviev, chefe do grupo de arranque, observam um raio luminoso de partículas aceleradas com o auxílio de um oscilógrafo

mindo apenas matematicamente cerca de 30 gramas de urânio enriquecido. Para produzir a mesma energia uma central termo-elétrica moderna, necessitaria de aproximadamente 100 toneladas de carvão.

A importância desta primeira instalação atômica não decorre de razões econômicas, pois a eletricidade ali gerada ainda é mais custosa que a fornecida pelos métodos clássicos, mas pelo fato de ser uma usina-piloto que permitiu o planejamento das grandes centrais eletroatômicas cuja construção se inicia atualmente na URSS. No sexto plano quinquenal prevê-se a construção de centrais eletroatômicas com potência total de dez milhões de quilo-

mente em Leningrado um navio quebra-gelo movido a motor atômico. A potência de suas máquinas será de 44.000 H.P. e o deslocamento de 16.000 toneladas. Destina-se a abrir caminho através do gelo para os navios que utilizam a rota do extremo norte, e graças ao reduzido consumo de combustível, poderá o quebra-gelo atômico navegar durante todo o inverno sem necessitar de escala.

AS REAÇÕES TERMO-NUCLEARES

Paralelamente a estas realizações técnico-científicas de extraordinária envergadura, realizam-se na União Soviética investigações no domínio da ciência pura, de imensas con-

seqüências para o futuro da humanidade. Devem ser destacados especialmente os estudos sobre o aproveitamento pacífico da energia das reações termo-nucleares. As reações termo-nucleares são as responsáveis pela libertação da tremenda energia nas explosões de bombas H.

O controle desse processo, que é ainda desconhecido pela ciência, permitirá utilizar como fonte de energia elementos cuja abundância na Terra é praticamente inesgotável. Durante a visita dos dirigentes soviéticos Bulganin e Khrushchiov ao centro de pesquisas atômicas de Harwell, na Inglaterra, o físico Kurchatov, participante da delegação, pronunciou uma conferência sobre o controle da energia termo-nuclear. A repercussão dessa conferência foi imensa. Ela foi noticiada com destaque especial nos jornais de todo o mundo e reproduzida nos principais periódicos científicos especializados, pondo em evidência o alto nível das pesquisas realizadas na URSS neste domínio.

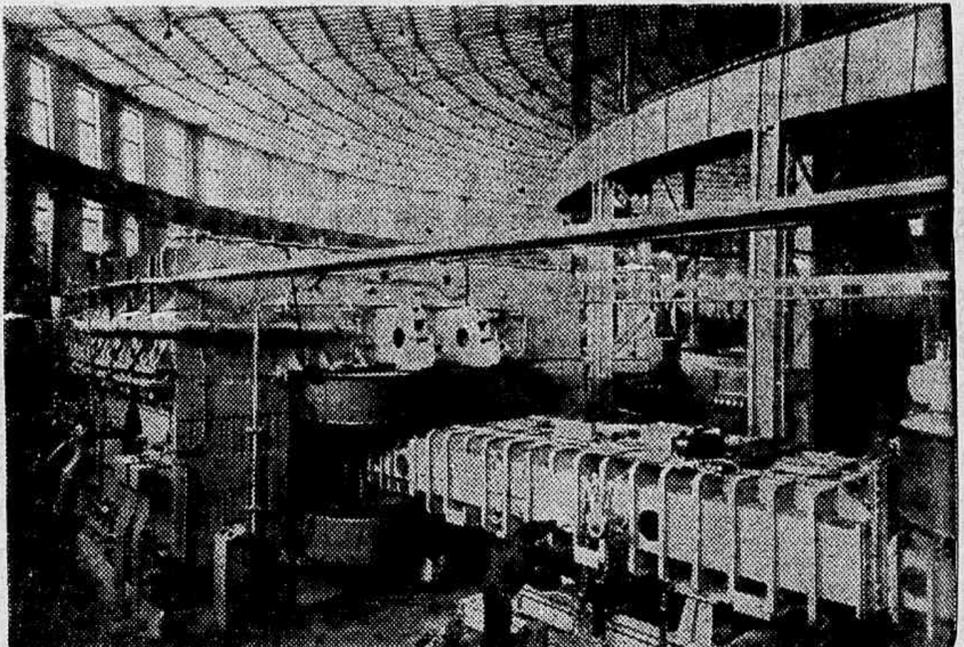
CONSTRUÍDO O SINCROFASOTRON

A fim de poder penetrar nos segredos do núcleo do átomo, os pesquisadores necessitam de meios cada vez mais potentes. Entre estes figuram em primeiro lugar as máquinas aceleradoras de partículas atômicas, os chamados ciclotrons, bevatrons, cosmotrons e outros, que são empregados no bombardeio dos núcleos dos átomos. A URSS encontra-se hoje na dianteira de todos os países no terreno da construção de aceleradores de partículas.

Acha-se em funcionamento, desde o início deste ano, no Instituto Unificado de Investigações Nucleares em Dubna, nos arredores de Moscou, o maior acelerador de partículas construído até hoje, o chamado sincrofasotron. A construção desta máquina foi dirigida por uma das maiores autoridades mundiais em aceleradores, o famoso físico soviético Vladimir Veksler. Para ter-se uma idéia do vulto dessa realização, basta saber que o eletro-ímã que acelera

as partículas atômicas tem um peso de cerca de 40.000 toneladas e exige 140.000 quilovolts para seu funcionamento, o que corresponde à energia elétrica consumida por uma cidade de tamanho médio. A Câmara na qual circulam as partículas tem um volume de 160 metros cúbicos e os problemas técnicos para realizar a rarefação do ar que deve reinar no seu interior são dos mais complexos que existem em engenharia nuclear.

Além do sincrofasotron, um número elevado de aceleradores estão em funcionamento em diferentes instituições científicas da URSS, sendo que alguns deles têm características absolutamente excepcionais. O destacado físico norte-americano Marshall, que visitou a URSS no ano



Uma seção do electro-magnético e uma parte da câmara de vácuo aceleradora

passado, escreveu um detalhado artigo sobre o desenvolvimento dos aceleradores de partículas naquele país, afirmando que os progressos ali realizados eram de tal ordem que colocavam a URSS na dianteira dos Estados Unidos e dos demais países no terreno da física de grandes máquinas aceleradoras.

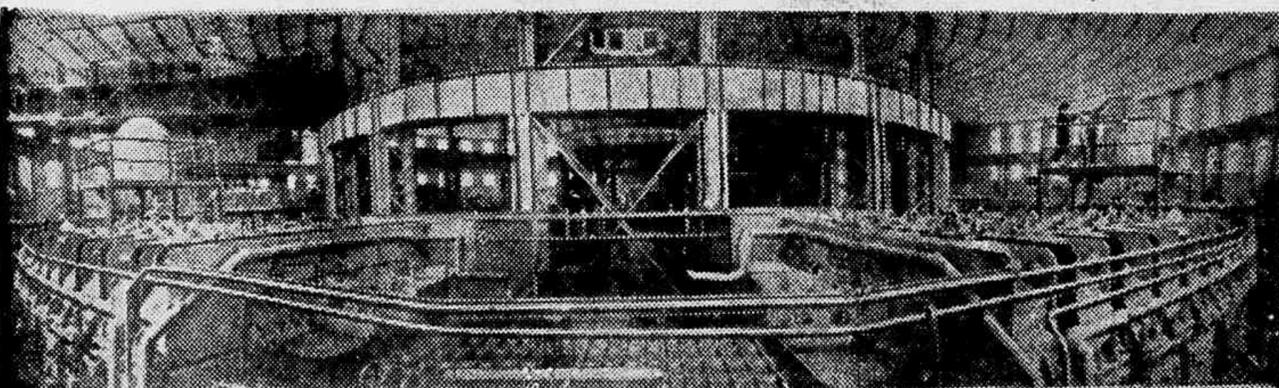
e em outros ramos da ciência são de interesse excepcional. Esses isótopos radioativos são fabricados nas pilhas atômicas e são utilizados em medicina para o combate de certas formas de câncer e em doenças glandulares; eles permitem estabelecer o mecanismo de certos processos biológicos altamente complexos como a chamada fotosíntese, que é o processo pelo qual os

14, que é um isótopo radioativo do carbono. Essas pesquisas estabeleceram a existência de novas funções da raiz vegetal, até então insuspeitada e de grande importância para o tratamento dos solos por fertilizantes. A aplicação dos resultados de Kuranov e Kuzin tem permitido o aumento da produção de certos alimentos, como a batata, a beterraba e outros.

INTENSO INTERCÂMBIO CIENTIFICO

A repercussão que os trabalhos científicos realizados na URSS tem encontrado em todo o mundo é intensa. Nos dois últimos anos, o intercâmbio de cientistas entre a URSS, Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e outros países cresceu consideravelmente. Um grande número de artigos sobre o progresso da física na URSS tem sido publicado nas revistas científicas norte-americanas por destacadas autoridades. Os cientistas soviéticos têm colaborado em periódicos ingleses, franceses e italianos e cientistas estrangeiros são convidados a participar de conferências na URSS.

Doze países trabalham em colaboração estreita no Centro Atômico de Dubna, onde se encontra o sincrofasotron, tendo o governo soviético declarado que as portas desse Instituto estão abertas para os cientistas de todos os países que desejem estudar o núcleo atômico. A União Soviética é atualmente um dos mais importantes centros internacionais de investigações nucleares e a ampliação das relações científicas entre todos os países, incentivada pelo governo soviético, contribui eficazmente para o fortalecimento de uma clima de paz no mundo.



O maior proto-sincrotron do mundo foi posto em operação no Laboratório de Alta Energia Física do Instituto de Pesquisas Nucleares em Dubna, na região de Moscou. O fluxo de próton já foi acelerado para uma energia de 9 milhões de electron-volts. Esta é a mais alta energia artificial já registrada. A gigantesca unidade é controlada remotamente pela mesa de controle localizada em outro edifício a várias centenas de metros de distância. Os operários do Instituto estão trabalhando para atingir a capacidade de 10 bilhões de electron-volts